A LIAHONA

SETEMBRO 1969

OS PRIMEIROS
CEM ANOS DA AMMM
página 8

Mensagem de Inspiração

Boyd K. Packer
Assistente do Conselho dos Doze

Tempos atrás, o editor de assuntos religiosos de um grande jornal compareceu a uma das conferências. Êle atravessara todo o continente para poder "sentir" a conferência. Antes do início de uma das sessões, vínhamos pela passagem central dêste edifício (Tabernáculo), completamente lotado. O jornalista notou um senhor de meia-idade, modestamente trajado, sentado perto da passagem e pediu-me que o apresentasse. Descobrimos que provinha da costa ocidental e era um converso. Pelo que me lembro, pertencera anteriormente à mesma igreja à qual estava filiado nosso visitante, sendo, agora, conselheiro de um bispado. A entrevista transcorreu mais ou menos assim:

"Há quanto tempo o senhor é membro da Igreja?"

"Uns oito anos."

"O senhor se filiou logo da primeira vez em que foi procurado pelos missionários?"

"Oh, não. Levei diversas semanas para me decidir." Depois acrescentou sorrindo: "Não gosto de tomar decisões apressadas."

"Disseram-me," prosseguiu o repórter, "que o Presidente da Igreja é um profeta. Isto é verdade?"

"Sem dúvida! Eu sei que é um profeta de Deus, tanto quanto qualquer dos profetas antigos."

"O senhor recebe pagamento pelos serviços que presta à Igreja?"

"Oh, sim!" respondeu. "Pagamento generoso — em bênçãos, não em dinheiro. Parece-me que o princípio do dízimo requer que paguemos pelo privilégio."

O editor, satisfeito com a entrevista, voltou-se para prosseguir seu caminho. Então, como que refletindo melhor, voltou-se novamente e fêz mais uma pergunta: "Diga-me, por que — por que o senhor paga o dízimo?"

Notei que aquêle bom irmão esforçava-se por conter a emoção que lhe transparecia no olhar, ao responder mansamente com uma única palavra: "Obediência".

Neste Número

Êsses Dois, Juntos. Pres. David O. McKay 3
A Alma de um Profeta. Marion D. Hanks 4
Um Século de Serviços Prestados pela AMM. 7
Os Primeiros Cem Anos da AMMM. Eleanor Knowles 8
Um Apêlo ao Uso Judicioso de Drogas... Dr. J. Louis Schricker 13
Para a Juventude da Igreja. 15
Página das Crianças. 17
A Pioneira. Kenneth W. Godfrey 21
O Lugar da Mulher na Igreja de Hoje. Belle S. Spafford 24
O Que é um Nome? John H. Vandenberg 26
Planeje a Apresentação da Lição — II. Rex D. Pinegar 27
Vamos à AMM. 29
Notícias Locais. 31
A Questão é Começar. Richard L. Evans 36

Capa

A edição dêste mês comemora o Centenário da criação da AMMM por Brigham Young em 1869. A pintura reproduzida na capa reconstitui a cena em Lion House que assistiu ao surgimento dessa organização.

Vol. 22 - Setembro de 1969 - Número 9

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 — V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Estaca São Paulo
R. Iguatemí, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, CP 862
São Paulo, SP — Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º — CP 1513
Pôrto Alegre, RGS
Tel. 24-9748

Missão Brasileira do Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel. 25-1839

Missão de Construção
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

A LIAHONA — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy, R. Abolição, 263. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **NCr$ 6,00**; para o Exterior simples: **US$ 3,00**; aérea: **US$ 7,00**. Preço de exemplar avulso em nossa agência: **NCr$ 0,60**; exemplar atrasado: **NCr$ 0,80**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Êsses Dois Juntos

Presidente David O. McKay

De acôrdo com as Escrituras, "...nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher." (I Cor. 11:11). Homens e mulheres raramente conseguem elevar-se acima das metas que estipularam um para o outro. Embora a vida da mulher esteja repleta de quase tudo o que é bom e amável é incorreto falar-se de um mundo da mulher e um mundo do homem, pois são inseparàvelmente ligados. De um modo geral, homens e mulheres têm os mesmos interêsses, idênticas esperanças e aspirações; o sucesso ou o fracasso de um é o sucesso ou fracasso do outro. Partilham as mesmas alegrias, carregam os fardos um do outro, e juntos trabalham para alcançar o sucesso. Repito, não existe uma esfera masculina e outra feminina. Existe, sim, sòmente um reino no qual cada um contribui com sua parte para o alcance do destino almejado. A esfera feminina é tão ilimitada como a do homem.

Entretanto, quando o divino Criador fêz o homem e a mulher, estabeleceu entre os dois uma diferença tão distinta no tocante a temperamento, tendências naturais e campos de atividade, quanto no tocante ao sexo; a mais sublime beleza e a harmonia mais plena na vida são alcançadas quando o homem devota sua vida àquilo para o que a natureza o destinou, e a mulher se dedica verdadeiramente às ocupações para as quais é dotada. É objeto de grande preocupação o fato de que as condições sociais e econômicas atuais estejam atraindo, senão forçando, a mulher a abandonar a esfera na qual ela pode encontrar maior felicidade e prestar melhor serviço à humanidade.

O sexo feminino deve ser inteligente e puro, porque é a própria fonte da vida, da qual verte a corrente da humanidade. Aquela que polue essa corrente com fumo, drogas perniciosas ou germes capazes de prejudicar os futuros sêres é desleal para com seu próprio sexo e inimiga da fôrça e perpetuidade da raça.

Uma das maiores necessidades no mundo de hoje é a maternidade inteligente, conscienciosa. É no lar que precisamos inculcar as virtudes fundamentais que tanto contribuem para o bem-estar e a felicidade do homem.

A maternidade é a maior influência potencial, tanto para o bem quanto para o mal na vida humana. A imagem da mãe é a primeira que se estampa nas páginas em branco da mente infantil. Seus carinhos despertam o senso de segurança; seus beijos, a primeira experiência do afeto; sua simpatia e ternura, a primeira evidência de que existe o amor no mundo. É verdade que chega a época em que o pai assume o papel de herói e exemplo na vida do menino; e êste, em seu crescente anseio de adquirir características masculinas, aparentemente afasta-se das virtudes mais meigas e sensíveis da mãe. No entanto, essa influência orientadora e restritiva implantada durante seus primeiros anos de vida subsistirá para sempre, impregnando seus pensamentos e sua memória tão distintamente como o perfume peculiar de cada flor.

Há pequenos laços de influência que prendem e moldam a vida das crianças, até que na juventude começam a ser tolhidas pelas amarras, e mais tarde, pelas cadeias — as cadeias do hábito. As fôrças que lançam êsses pequenos laços na vida das crianças são o lar, o local de recreio, a escola, os companheiros e a sociedade.

As leis da vida e a palavra revelada de Deus se completam ao colocar sôbre os pais e as mães a responsabilidade de assegurar que seus filhos venham ao mundo puros e livremente, como também de criá-los na fé e na retidão. Devem ser ensinados a "compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade. Aquêles que negligenciarem êsse preceito e exemplo, sôbre a cabeça dos pais seja o pecado." (D&C 68:25)

Em sua forma ideal, a vida é uma parceria entre o homem e a mulher, cada qual empenhando-se em guardar os mandamentos e em fazer a vontade do Senhor.

A Alma de um Profeta

Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze

De um tributo prestado pelo Élder Hanks em 19 de março de 1968 na Universidade de Brigham Young por ocasião da apresentação da medalha de masculinidade exemplar ao Presidente McKay. Neste mês, celebra-se o 96.º aniversário do Presidente McKay.

Diz-se que um grande homem é "uma dessas raras almas que vê sermões nas pedras e livros em riachos, e a clara luz de Deus sôbre tôdas as coisas. Por tôda uma vida reverentemente alegre e gentil teve olhos para ver e ouvidos para ouvir a música que quase todos nós deixamos de perceber." Isto bem poderia ser aplicado ao Presidente David O. McKay, talvez até melhor do que a qualquer outro homem.

Na clareza da sua visão, na agudeza da sua inteligência, na extensão de sua sabedoria, David O. McKay é um modêlo. Conhece poetas, filósofos, profetas — tendo armazenado as suas idéias na memória através do investimento de muitas horas e trabalho árduo. Sua mente perspicaz, seu nobre caráter, sua natureza generosa traduziram, refinaram, aplicaram, transformaram em sabedoria o amálgama formado pelos seus estudos e seu amor. Parece-me que a êle estas palavras de um amigo são particularmente aplicáveis: "Eu dei, dei, e voltei a dar até que se tornou meu."

Com o que o Presidente McKay tem-se preocupado mais? Ao que tem dado maior ênfase? Recordem os ensinamentos do seu grande ministério, as instruções dadas ao seu povo. Citarei apenas alguns:

Fé em Deus e em Jesus Cristo... um caráter à semelhança do de Jesus Cristo... viver abnegadamente em amor... uma vida digna de confiança, uma vida pura e completa... nobreza d'alma... educação, mente disciplinada...

Cultivar o belo e o sublime... cortejar com sabedoria, casamento feliz, unidade familiar oração em família... santidade do lar... honrar a feminilidade e a maternidade... masculinidade exemplar... honrar nossos pais e nossas tradições...

Cortesia, boas maneiras, delicadeza... trabalho árduo, servir desinteressadamente... verdadeiro patriotismo, amor à pátria... cada membro um missionário... ensinamentos que recebeu de Deus.

Quão bem soube aplicar seus ideais, revestindo de carne seus esqueletos e instilando-lhes o espírito vivificador! Melhor do que palavras o poderiam descrever, permitam que o exemplifique com alguns incidentes da minha própria experiência.

Certa manhã no templo ao dirigir-se a todos os irmãos que haviam comparecido, em jejum e oração, como preparação para uma conferência geral, êle calmamente os cumprimentou e depois disse algo tão simples que poderia ter ocorrido a qualquer um de nós, no entanto isto não acontecera. Ainda não esqueci a emoção que senti ao olhar para êle e ouví-lo dizer (sou obrigado a parafrasear por falta das palavras originais, mas penso que não as esqueci): "Estamos reunidos esta manhã com corpos purificados e envoltos em linho puro, nossa mente preparada, nosso espírito submisso, aguardando a orientação do Senhor".

Não seria êste um padrão adequado para a vida cotidiana de todos os homens?

Sua consideração nunca falha, nem sua cortesia. Recentemente procurei-o em seu escritório, encontrando-o, como habitualmente, sentado atrás de sua mesa de trabalho. Não havia passado muito bem; não se sentia forte. Em tais circunstâncias, outra pessoa não teria pensado em tentar levantar-se para cumprimentar um visitante, mas tive que fazer tudo para impedir que o Presidente McKay se pusesse de pé a fim de dar-me boas-vindas. Essa doce experiência trouxe-me lágrimas aos olhos.

Isto me levou a recordar certo dia durante o primeiro mês do meu ministério, quando fui convidado a falar numa conferência geral da Primária. Julgando estar livre no referido dia, aceitei o convite para falar na reunião de abertura, e fiquei desapontado quando recebi a comunicação de que deveria comparecer na mesma hora à reunião habitual que antecede às conferências no templo e que havia sido marcada um pouco mais cedo do que usualmente. Quando as senhoras souberam do impasse ficaram naturalmente preocupadas, pois o programa já estava pronto e impresso, tornando-se difícil modificá-lo.

Aconselhei-me com diversos irmãos, pois o Presidente McKay tivera que se ausentar por uns momentos, e todos êles me asseguraram que eu tinha a obrigação de comparecer à reunião no templo, não obstante já estar comprometido com o pessoal da Primária, e assim, pesarosamente preparei-me para fazê-lo.

Quando o Presidente McKay voltou, tive a oportunidade de mencionar o meu dilema. Imediatamente respondeu que eu devia honrar meu compromisso e que informasse às irmãs que eu estaria presente à reunião.

No dia marcado, dentro do templo, o Presidente McKay levantou-se e comunicou a todos os irmãos logo no início da reunião que eu tinha um compromisso com a Primária, e então modificou tôda a agenda da reunião a fim de que eu, o último dentre êles, e certamente o menos importante, pudesse estar presente aos propósi-

tos sagrados para os quais nos reuníramos. E depois fui dispensado para poder cumprir meu compromisso. Pode parecer pouca coisa, mas não para mim; e fiquei refletindo, devo confessar, que outro homem teria sido tão gentil e atencioso sob circunstâncias idênticas?

Para algumas pessoas, eventualmente, uma entrevista pode parecer um interrogatório ou mesmo uma inquisição. Ocasionalmente pessoas honestas se afastam porque se ressentem das perguntas que lhes são feitas, ou da atitude do entrevistador.

Um dos aspectos agradáveis das entrevistas com o Presidente McKay reside no fato de que enquanto se está com êle, a pessoa dispõe de tôda a atenção — olhos, ouvidos e o coração interessado — de um grande homem. Todos os que já tiveram essa experiência sabem disto. Nunca poderei esquecer uma entrevista importante que tive com o Presidente da Igreja. Eu nunca julguei conveniente discutí-la detalhadamente em público, e não pretendo fazêlo agora, mas quero fazer notar a natureza das perguntas e o espírito do homem que as fêz. Foi uma entrevista intensiva, sem rodeios, mas também um intercâmbio, e as perguntas que lhe esclareceram o que desejava saber de mim foram dêsse tipo (notem a natureza delas): "É completamente leal para com sua família?" "Existe qualquer compromisso ou relações impróprias fora do seu lar?" "Há quaisquer problemas não solucionados em sua vida?" Quem haveria de se ressentir ou não responder honestamente a perguntas tão bondosas, gentis e corteses?

Dois outros incidentes revelam a integridade, o espírito e a inspiração com que Deus abençoou êsse grande homem.

Eu estava de partida para o Vietnam pouco antes das festas de Natal, e deveria entrevistar-me brevemente com o Presidente McKay para receber a mensagem que êle queria enviar aos nossos homens nas matas e nos arrozais. O Presidente me reteve mais tempo do que eu pretendera ficar, evidentemente ansioso em ouvir meus planos e perspectivas para essa missão. É interessante notar que êle não se compadeceu de mim nem tentou consolar-me quando soube que essa viagem me faria passar as festas natalinas longe dos meus; disse apenas: "Que grande privilégio o seu de poder ir!"

Quando terminamos, estendeu a mão e tocou levemente meu joelho, dizendo algo que me pareceu sintetizar tôda a glória de seu ministério e de uma vida nobre. "Conte-lhes sôbre essa troca de amor," disse. "Fale dessa nossa troca de amor".

Não se referia a palavras de amor, mas à doçura e à beleza do sentimento existente em seu coração, o qual êle sabia, tenho certeza, encontrava reciprocidade no meu próprio coração. Pergunto-me se afinal não é isto que importa na vida — ter capacidade de sentir, a fôrça de comunicar, de dar e receber amor.

Um eminente líder trabalhista, a quem tive o privilégio de acompanhar a uma entrevista com o Presidente David O. McKay, avaliou-o corretamente. Êsse senhor estava acompanhado de sua espôsa e de duas filhas. Foi uma experiência extraordinária — houve risos, bom humor, conversa que por vêzes parecia um tanto frívola, em outros momentos bastante séria, dentro daquela meia hora, mais ou menos.

Todos apreciaram a entrevista; nada de pose, perguntas embaraçosas, ou discursos — apenas simples, cálida, generosa, inspirada benevolência fluindo e expressando-se por si mesma. Quando deixamos a sala, aquêle senhor e sua família estavam em lágrimas, e ouvi êsse líder internacionalmente famoso dizer: "Tive o prazer de ser recebido por reis e estadistas, conheci líderes de todo o tipo em muitos países, mas nunca encontrei um homem igual a êste. Não creio que nossa geração produza outro homem igual a êle."

Posteriormente repetiu essas palavras a um grupo de professôres universitários de nossa cidade, cumprimentando-os pela bênção de viverem numa região tão próxima da influência do maior homem que jamais conhecera.

O mesmo que foi dito de profetas há muito tempo é válido igualmente para David O. McKay:

"E... (êle) seguiu os caminhos do Senhor, guardou seus mandamentos e julgou com retidão..." (Mosíah 29:43)

"E assim aumentou nêles o amor que tinham por (êle); sim, estimaram-no mais do que a qualquer outro homem..." (Mosíah 29:40)

"... e esta era a (sua) fé..., e seu coração se glorificava nela;... na prática do bem e na preservação de seu povo; sim, em guardar os mandamentos de Deus e resistir à iniquidade.

Sim, em verdade, em verdade vos digo que, se todos os homens tivessem sido e fôssem hoje e sempre como (êsse homem) eis que os poderes do próprio inferno teriam sido destruídos para sempre; sim, o demônio nunca teria poder sôbre o coração dos filhos dos homens." (Alma 48:16-17)

UM SÉCULO DE
Serviços Prestados pela AMMM
1869-1969

Na memorável noite de domingo, 28 de novembro de 1869, após o término das outras reuniões daquele dia, o Presidente Brigham Young reuniu os membros femininos de sua família na sua residência de Lion House e organizou a Sociedade de Defesa. Esta tornou-se a precursora da Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças.

Agora, quando nos preparamos para celebrar o centenário daquele humilde início, podemos ver que a AMM — Môças, partindo de uma reunião realizada por uma família, cresceu atingindo milhares de associações em cinco continentes e muitas ilhas do mar, abrangendo literalmente tôdas as famílias da Igreja. O inspirado propósito dessa organização foi visualizado naquela primeira reunião — ampliar o espírito e a influência do lar e desenvolver, fortalecer e preservar o testemunho individual.

Os membros da Igreja às vêzes ficam pasmos com os dados estatísticos e a fôrça que revelam. Êsses dados mostram os esforços unificados do grupo, no entanto o mais importante é o indivíduo. Nenhum dêles é mais importante do que outro, e os resultados finais do levantamento estatístico mostram os esforços combinados de indivíduos cujo trabalho e devoção foram dados com tanta liberalidade.

Aos líderes e professôres da Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças queremos dizer — como diríamos aos membros chamados para as demais auxiliares da Igreja — o seu chamado é de tempo integral; não termina semanalmente ao terminar a aula. Continua durante os sete dias da semana durante todo o ano, ao encontrarem jovens e suas famílias nas outras reuniões da Igreja, no comércio ou em outro lugar qualquer.

E a vocês môças, a AMM não é uma aula semanal noturna; ao incorporarem em sua vida os emocionantes conceitos que ali lhes são ensinados, a AMM torna-se um marco indicativo de um modo de vida. Não é difícil identificar as jovens que acalentam tais ideais; são, sem dúvida, um fanal radiante em qualquer reunião.

A Igreja foi organizada (como também a AMM — Môças) para desenvolver o indivíduo sob todos os aspectos — espiritual, física, mental e estèticamente — preparando-o contìnuamente para as oportunidades e experiências da vida. Somos gratos ao Senhor pela inspiração dada ao Presidente Brigham Young há um século. O Senhor tem fortalecido e inspirado sua liderança e suas associadas durante tôdas essas dez décadas.

Às jovens da AMM — algumas ainda na adolescência, outras um pouco mais adultas — queremos dizer: Deus está atento às suas esperanças e anseios. Êle deseja que sejam bem sucedidas em todos os seus desejos e esforços justos. A vida terrena é um período de prova, de andar pela fé e pela esperança dentro do magno princípio do livre arbítrio, segundo o plano que cada um de nós aceitou voluntàriamente nos grandes conselhos da vida pré-mortal. Às vêzes o caminho é árduo, mas o Senhor está sempre próximo para ouvir suas orações e dar a resposta que êle sabe que é a melhor. De um modo bastante generalizado, os problemas que vocês enfrentam talvez não sejam muito diferentes daqueles enfrentados pelos primeiros membros da AMM-Môças e tôdas as demais que a ela se associaram durante êstes cem anos.

Congratulamo-nos com tôdas vocês que agora são membros, professôres e líderes da AMM-Môças nesse seu centenário. Sempre serão lembradas em nossas orações, e lhes damos boas-vindas como parceiras e colaboradoras na edificação do reino do Senhor na terra.

David O. McKay
Hugh B. Brown
N. Eldon Tanner

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Residências do Pres. Brigham Young, onde foi criada a AMMM, numa foto de 1860: Lion House (esquerda) e Beehive House.

Presidência e oficiais da AMMM em 1896.

Os Primeiros Cem anos da AMMM

Eleanor Knowles

As jovens de 1969 que obedecem aos extremos caprichos da moda quanto aos trajes, maquilagem e penteados, talvez fiquem surpresas ao saber que foi em condições exatamente iguais que foi organizado o que conhecemos atualmente por Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças.

Em tôdas as gerações é sempre a mulher — particularmente a adolescente e a jovem — que aceita prazeirosamente as novas tendências da moda em sua eterna busca da beleza. Durante os primeiros anos após a chegada dos santos no Vale do Lago Salgado, a modéstia dos trajes era regra geral, pois havia necessidades mais urgentes e preencher — estabelecer um lar, plantar o necessário para a subsistência, formar uma comunidade. Porém, uma vez solucionados êsses problemas, o gôsto tão natural das mulheres por trajes bonitos tornou-se evidente e começaram a cuidar melhor da sua aparência pessoal.

1869 foi um ano importante para os santos, pois no mês de maio terminava-se o último trecho da ferrovia transcontinental. Sob muitos aspectos isto foi uma grande bênção — os emigrantes de longínquas plagas podiam agora atravessar com relativo confôrto as tórridas e poeirentas planícies; os materiais de construção, produtos alimentícios e mercadorias transportados mais ràpidamente e a menor preço.

Entretanto junto com êsses grandes benefícios veio a Madame Moda! Quando as mulheres da comunidade adotaram a nova moda das anquinhas, folhos, cabelos curtos e outros atavios supérfluos, Brigham Young sentiu-se alarmado. Era preciso fazer algo — e sua própria família deveria dar o exemplo!

Assim, na noite de domingo, 28 de novembro de 1869, o Presidente Brigham Young entrou na sala principal de Lion House e tocou a sineta chamando os membros femininos da sua casa. Após a oração vespertina, dirigiu-se à família nos seguintes termos:

Jovens em atividade recreacional por volta de 1910.

"Tôda Israel volta-se para minha família a fim de observar o exemplo dado por minhas espôsas e filhas. Por esta razão desejo organizar primeiro minha própria família numa sociedade para a promoção dos hábitos de ordem, economia, industriosidade e caridade; e, acima

de tudo, desejo que se abstenham de extravagâncias no vestir, comer e mesmo no falar. Chegou a hora em que as irmãs devem dispor-se a abandonar as tolices da moda, cultivando uma aparência modesta, uma conduta humilde e dar um exemplo digno de ser imitado por todos os povos do mundo. Estou aborrecido com a maneira pela qual as nossas mulheres procuram superar-se mùtuamente em todos os modismos tolos do mundo...

"Há muito que pretendia organizar as jovens de Sião em uma sociedade... Desejo que nossas môças obtenham conhecimento sôbre o Evangelho. Por isso quero estabelecer essa organização e desejo que a minha família dê o início a essa grande obra...

"Estamos prestes a organizar uma associação de defesa à qual desejo que vos filieis, comprometendo-vos a abster-se de extravagâncias no trajar, comer e falar, pois principalmente quanto ao último tendes sido culpadas de têrmos tolos, extravagantes e pensamentos frívolos. Evitar tudo o que não é bom e belo, não para serdes infelizes, mas para viver de modo a ser realmente felizes nesta vida e na vida futura."

Naquela noite estava entre as presentes Eliza R. Snow, talentosa poetisa e escritora, membro ativo da Sociedade de Socorro, primeira organização feminina da Igreja. O Presidente pediu-lhe que ajudasse na organização da nova associação, que foi denominada "Departamento Feminino da Associação Cooperativa de Defesa" (logo abreviado para Associação de Defesa das Môças). Na liderança estavam: Ella Young Empey, presidente; Emily Young Clawson, Zina Young Williams, Maria Young Dougall, Caroline Young, Dora Young e Phebe Young, conselheiras.

Parada da AMMM desce a Rua Principal de Salt Lake City.

A notícia da fundação da nova associação espalhou-se célere, provocando a organização de grupos semelhantes em todo o Vale do Lago Salgado, a maior parte sob a orientação de Eliza R. Snow. Dentro de um ano havia associações também em Ogden, Provo, Logan, Brigham City, Bountiful e outras cidades e comunidades do território.

Os primeiros grupos eram virtualmente autônomos, uma vez que não havia programa estabelecido nem esquema determinado. Cada associação local adotava sua própria lista de resoluções, que geralmente incluia os pontos sugeridos por Brigham Young às próprias filhas. Contudo, os programas e diretrizes eram em grande parte, determinados pelo próprio grupo.

Em 1875 foi organizada a Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes e, por sugestão do Presidente Young, a associação feminina adotou nome semelhante — Associação de Melhoramentos Mútuos das Senhoritas, nome êsse mudado oficialmente em 1934 para Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças (AMMM), seu nome atual.

Com o crescimento e expansão da associação, surgiu a necessidade de um organismo diretor central para estabelecer as diretrizes e coordenar as atividades dos diversos grupos. Em 1878 foi organizada a primeira junta na Estaca de Salt Lake, sendo logo seguida por juntas em outras estacas. No decorrer da década de 1890 foi estabelecida uma "junta central" que em 1921 tornou-se a junta geral.

Grande parte do crédito devido pelas realizações de uma organização cabe aos seus dirigentes, e a AMMM não foge à regra. Seis senhoras serviram como presidentes da junta geral durante os últimos cem anos, sendo que tôdas elas se revelaram líderes dinâmicas e de grande capacidade.

Uma junta da AMMM de estaca

A primeira presidência geral, chamada em junho de 1880, era formada por: Elmina Shephard Taylor, presidente; Margaret Y. Taylor (espôsa do Presidente John Taylor) e Martha Horne Tingey, conselheiras. Maria Young Taylor, uma das filhas de Brigham Young e que estivera presente naquela primeira reunião para a organização da associação, posteriormente substituiu Margaret Taylor como conselheira.

Essas mulheres viajaram milhares de quilômetros, a cavalo ou charrete, organizando grupos de jovens e supervisionando os trabalhos da associação. A Irmã Taylor faleceu em 1904, e em abril de 1905 Martha Horne Tingey, sua conselheira, tornou-se presidente geral, com Ruth May Fox e Mae Taylor Nystrom (filha de Elmina Taylor) como conselheiras.

A Irmã Tingey, que fôra chamada a servir na primeira presidência geral aos 22 anos de idade, ficou 49 anos na presidência da AMMM — 25 como conselheira e 24 como presidente — antes de ser desobrigada em 1929. A 28 de março dêsse ano, Ruth May Fox foi apoiada como presidente geral, com Lucy Grant Cannon e Clarissa A. Beesley como conselheiras. A Irmã Cannon foi

Seis líderes escolhidas que serão sempre lembradas: Elmina S. Taylor, Martha Horne Tingey, Ruth Mae Fox...

a presidente seguinte, chamada em outubro de 1937. Nos 11 anos em que presidiu a AMMM, foi auxiliada por três conselheiras capazes: Helen Spencer Williams, Verna Wright Goddard e Lucy Taylor Anderson.

Em abril de 1948, Bertha S. Reeder tornou-se presidente Geral, com Emily H. Bennett e La Rue C. Longden como suas conselheiras. Foram desobrigadas em 30 de setembro de 1961, data em que Florence S. Jacobsen, Margaret R. Jackson e Dorothy P. Holt eram apoiadas como a nova presidência.

Uma das características da AMMM que muito tem contribuido para seu contínuo crescimento e aceitação junto à juventude é seu programa dinâmico. Foi sendo desenvolvido de acôrdo com necessidades e interêsses, sendo modificado freqüentemente a fim de acompanhar a mudança dos tempos.

A princípio a associação era composta de môças e senhoras de tôdas as idades, mas logo tornou-se evidente que seria preciso uma divisão — foram organizados os departamentos júnior e sênior. As idades e divisões dos departamentos sofreram diversas alterações. Por exemplo: a classe das Abelhinhas, organizada em 1913 para proporcionar atividades de verão para adolescentes, transformou-se num programa para jovens de 14 a 18 anos. Entretanto, em fins da década de 1920 o programa foi modificado, aceitando meninas de 12 e 13 anos de idade. Nêsse meio tempo, as Abelhinhas maiores (de 16 e 17 anos) eram organizadas num departamento Júnior e as jovens de 18 a 25 tornaram-se Ceifeiras.

Banhistas da AMM flutuando nas densas águas do Lago Salgado em Saltair.

No decorrer dos anos, essas classes sofreram outras subdivisões, sendo que hoje em dia existem quatro classes para as môças: Abelhinhas, 12 e 13 anos; Meninas-Môças. 14 e 15; Lauréis, 16 e 17; Ceifeiras, de 18 em diante. Além destas, os adultos podem freqüentar as classes de Jovens Casais ou Interêsse Especial, nas quais os currículos são escolhidos pelos grupos individualmente, de acôrdo com os interêsses de seus membros.

Embora a junta geral seja composta de peritos nos diversos campos de atividade, escritores e pessoas capacitadas para criar e burilar os programas, numerosas idéias aplicadas na AMM surgiram no próprio campo de trabalho. Um dêsses programas é o Programa das Môças, agora inteiramente integrado na AMM-Môças, para as jovens de 12 a 25 anos. Em sua exortação às filhas por ocasião da organização da associação, Brigham Young declarou: "É preciso que as jovens filhas de Israel tenha mum testemunho vivo da verdade. Desejo que nossas môças obtenham conhecimentos do Evangelho para si próprias." A maior parte das jovens nas alas e estacas em tôda a Igreja filiaram-se à AMMM à medida em que foi organizada nas respectivas áreas. Entretanto, muitas jovens, particularmente as que trabalhavam profissionalmente longe da casa paterna, não participavam dos grupos da associação.

Diversas estacas, reconhecendo tal problema, iniciaram programas destinados a não perder de vista suas jovens e mantê-las ligadas à Igreja. Uma delas foi a de Granite em Salt Lake City, cujo programa foi posteriormente adotado por tôda a Igreja. A Irmã Pearl Green, primeira encarregada do programa para as môças na Estaca de Granite, descreveu o envolvimento e preocupação da sua estaca:

...Lucy Grant Cannon, Bertha S. Reeder e Florence S. Jacobsen foram as presidentes gerais da AMMM nestes cem anos.

"O programa para as môças surgiu na Estaca de Granite em 1940 quando uma das senhoras perguntou ao Presidente P. Drew Clark, primeiro conselheiro da presidência da estaca, por que os rapazes mereciam tanta atenção enquanto não se fazia menção alguma das môças na Igreja. O Presidente Clark meditou cuidadosamente sôbre o assunto. Ordenou que se fizesse um levantamento na estaca sôbre a freqüência de rapazes e môças na Igreja. Para seu espanto verificou que o número de rapazes excedia em muito o das môças."

Com o auxílio de líderes das auxiliares foi organizado um programa para incrementar a freqüência das jovens na Escola Dominical, AMMM, reuniões sacramentais, e a encorajar o pagamento de dízimo, a vida pura, a observância da Palavra de Sabedoria, concedendo reconhecimentos às jovens que preenchessem requisitos mínimos nêsses pontos. Os resultados do programa foram reveladores: de junho de 1941 a dezembro de 1943 a freqüência das môças na Escola Dominical subiu de 47% a 65%; nas reuniões sacramentais, de 20% a 41%; pagamento de dízimo, de 32% a 72%; e quanto à observância da Palavra de Sabedoria, de 86% a 91%.

Tal sucesso do programa na Estaca de Granite, e em outras, fêz com que fôsse adotado pela Igreja inteira em 1946, ficando sob a direção do Bispado Presidente. Na conferência de abril de 1950, foi transferido oficialmente para a AMMM. Nos 18 anos de existência do programa, a AMMM assinala os seguintes índices de crescimento geral: 50.425 jovens alistadas em 1950 contra 138.787, em 1968; estacas participantes: 180 em 1950 — 488 em 1968; freqüência nas reuniões sacramentais: 47% em 1950 — 56% em 1968; freqüência na AMM.: 59% em 1950 — 64% em 1968.

Nos primórdios da AMMM, surgiram problemas de comunicação entre os oficiais da junta geral e os grupos locais, havendo necessidade de meios de distribuição de instruções e material didático. Quase que simultâneamente, Elmira Taylor, presidente da junta geral, e Susa Young Gates, uma das filhas de Brigham Young e talentosa escritora, sentiram a conveniência de fundar uma revista para as jovens da Igreja.

A Irmã Gates, que na ocasião estava em missão com seu espôso no Havaí, escreveu ao Presidente Joseph F. Smith, delineando suas idéias sôbre uma revista para a AMMM. Após copiosa correspondência entre ela, a Irmã Taylor e membros da Primeira Presidência, a Irmã Gates foi designada para iniciar a publicação do "The Young Woman's Journal". Desde seu primeiro número, publicado em outubro de 1889, a revista incluía artigos, histórias, poesias escritas por mulheres SUD e para elas, bem como instruções para oficiais e professôres da AMM.

As sugestões para lições eram inicialmente apresentadas em forma de panfleto, mas em novembro de 1899 começaram a ser incluídas em todos os números da revista, já que estava assegurando o seu sucesso. Entretanto, com o crescimento dos diversos departamentos da AMM, foram preparados currículos separados e publicados em forma de manuais. O "The Young Woman's Journal" passou eventualmente a publicar sòmente informações de interêsse geral sôbre a AMM, com breves comunicados e instruções para cada departamento.

Em 1929 a revista foi "casada" com a "Improvement Era", revista mensal da AMM-Rapazes, numa cerimônia especial realizada no Tabernáculo de Salt Lake City, durante a conferência de junho. O primeiro número do nôvo periódico combinado foi publicado em novembro de 1929.

A AMMM patrocina várias atividades; entre elas o Baile Auriverde, os festivais de canção e os shows ambulantes.

Muitas conceituadas senhoras estiveram associadas ao "Journal" durante seus 40 anos de vida, inclusive escritoras talentosas como Leah D. Widtsoe, filha da sua fundadora Susa Young Gates; May Booth Talmage (espôsa de James E. Talmage) e sua filha Elsie Talmage Brandley; Ann M. Cannon, Mary E. Connelly (que mais tarde foi editôra da "Relief Society Magazine"), Kate Thomas, Ruth May Fox, Marba C. Josephson e outras.

A dança, música, teatro e outras atividades culturais sempre foram parte integrante da cultura dos santos dos últimos dias, desde o tempo dos pioneiros, sendo que a AMM desempenha um papel preponderante na promoção dessas atividades. A música foi uma das primeiras atividades a ser "protegida" pela AMMM um dos dois primeiros comitês organizados na junta geral em 1892 foi o de música. Os comitês de dança, teatro, oratória, esportes e campismo foram estabelecidos à medida que surgiu o interêsse por êsses setôres.

As atividades conjugadas com a AMMR datam de fins do século passado, quando se iniciaram as conferências gerais em conjunto; gradualmente, os programas se fundiram, a ponto de hoje em dia os membros de ambas as organizações se reunirem em conjunto nos diversos níveis para atividades gerais, muitas atividades de classe e mesmo certas aulas.

O principal acontecimento da Conferência de Junho da AMM em Salt Lake City é o famoso Festival de Dança.

Numerosas atividades desenvolvidas pela AMM têm recebido elogios e reconhecimento em âmbito internacional. Exemplo típico de tais programas é o "show ambulante" que foi iniciado como programa pilôto na estaca de Granite, em 1924, e agora faz parte da AMM em todo lugar. Êsse conceito de quadros curtos, alegres, movimentados apresentados por diversas alas, com o elenco viajando para apresentá-los em vários locais é tão popular na Austrália e Pacífico Sul como nos Estados Unidos. Onde as distâncias entre alas e estacas são muito grandes para o deslocamento do elenco, como na Europa, os atos são freqüentemente apresentados nas conferências de jovens ou encontros de estacas.

Os grandes festivais de dança com a participação de membros de tôdas as regiões também são aspecto único da AMM. Os primeiros festivais foram realizados em Saltair, um local a cêrca de 30 km de Salt Lake City, às margens do Grande Lago Salgado. Quando as acomodações se tornaram insuficientes para o número de espectadores, foram transferidos para o estádio da Universidade de Utah, onde agora se apresentam mais de 6.000 participantes em duas noites, a um público de 40.000 pessoas por noite.

Sim, a AMMM cresceu e desenvolveu-se de acôrdo com os tempos e as necessidades da juventude moderna. Mas os conceitos básicos declarados por Brigham Young continuam em vigor. Mesmo a discrição no trajar continua a preocupar as môças da Igreja. Em 1903, quando a organização contava 34 anos, a espôsa de Andrew Jenson, historiador assistente da Igreja, disse, num relato sôbre uma viagem à Europa: "... em nenhuma parte dos seis países que visitei vi as extravagâncias no trajar como tenho visto pelas ruas de Salt Lake City. Tampouco cheguei a ver, na Europa, uma senhora na rua ou num local de culto, usando vestidos decotados e mangas curtas. As extravagâncias no vestir, penso, são um mal crescente entre nossa juventude."

Quanto a êsse ponto não existem grandes diferenças entre 1969 e 1869 ou 1903, pois as líderes e membros da AMMM continuam preocupadas com as tendências da moda. É verdade, as saias longas não estão mais em voga, e as anquinhas que Brigham Young reprovava pareceriam ridículas nas adolescentes modernas. Mas a modéstia no trajar continua sendo ensinada às môças, e a AMM ainda acentua a importância de ajudar as "jovens filhas de Israel e ganharem um testemunho vivo da verdade."

O que será que os próximos 100 anos têm reservado para a AMMM? Ninguém poderá realmente responder a esta pergunta, mas se olharmos para os últimos 100 anos, concluiremos que os programas continuarão a mudar e a crescer com a Igreja e o tempo. Os programas que agora formam o programa total da AMMM talvez sejam substituídos, dando ênfase a novos e diferentes aspectos de atividades e aulas, e certos programas pilotos que provarem seu valor em estacas provàvelmente serão adotados em âmbito geral.

Contudo, os princípios do Evangelho são eternos, e os conselhos e admoestações que Brigham Young deu às filhas há cem anos, continuarão a proporcionar a base para crescimento da AMM.

Em 1930, no centenário da Igreja Ruth May Fox, presidente da AMMM, escreveu um hino que se tornou um dos favoritos de nossos jovens. Talvez algumas palavras dêsse hino ilustrem melhor o rumo tomado pela AMMM nestes 100 anos passados e que continuará a seguir nos próximos 100.

"Dos montes nós temos a fôrça
Do mar temos o valor
E por nossa rocha eterna
Lutamos com grande ardor
Se na vida ganharmos virtudes
Em busca do ideal
A coroa conquistaremos
Da glória imortal
Vibrem sempre nossas vozes
Para frente irmãos! Eia! Sus!

UM APÊLO AO USO JUDICIOSO DE DROGAS MEDICINAIS

Dr. J. Louis Schricker Jr.

O Dr. J. Louis Schricker Jr., professor de Doutrina do Evangelho na Escola Dominical da décima terceira ala da estaca de Monument Park (Salt Lake City), é um neuro-cirurgião muito versado nos problemas relacionados com o uso de drogas

No mundo de hoje o homem está sujeito a inúmeras tentações e exposto a incontáveis fontes de profanação de seu corpo. Alguns dêsses males são óbvios e fàcilmente reconhecidos por todos nós; outros são mais sutis e insidiosos. E entre os últimos estão as drogas.

Através de jornais, revistas, rádio, televisão e outros meios de comunicação, todos nós nos tornamos mais cônscios da prevalência e perigos inerentes a muitas drogas, tal como a maconha e o LSD.

De igual importância, mas menos alardeados, são os perigos potenciais de muitas drogas e medicamentos encontrados freqüentemente em nossos lares, ou fàcilmente acessíveis ao eventual usuário. Alguns dêsses medicamentos podem ser benéficos ao corpo humano quando empregados com propriedade e sabedoria, mas possìvelmente maléficos quando usados inadequadamente ou tomados em excesso.

A seção 89 de Doutrina e Convênios, dada por revelação em fevereiro de 1833 à congregação da Igreja, contém muitas palavras de sabedoria. Além dos conselhos sôbre bebidas alcoólicas, bebidas quentes e tabaco, dá orientação ainda mais minuciosa acêrca do bem-estar permanente do homem. Nos versículos 10 e 11 lemos:

"E novamente, na verdade vos digo que tôdas as ervas salutares ordenou Deus para a constituição, natureza e uso do homem —

"Tôda erva na sua estação e tôda fruta na sua estação; **tôdas elas para serem usadas com prudência e ação de graças."** (Grifo pelo autor)

Essa advertência quanto ao uso parcimonioso de ervas é de grande importância. Na época em que foi dada a revelação, as ervas eram medicamentos populares e comumente usados. Nesse sentido torna-se também um apêlo ao emprêgo judicioso dos medicamentos de hoje.

Não pretendemos aqui detalhar os perigos das conhecidas drogas já mencionadas, mas antes considerar os das drogas ou preparados menos conhecidos e a necessidade de cuidados e moderação no seu emprêgo.

Soporíferos: Vivemos num mundo agitado, cheio de ansiedades, preocupações, pressões e tensões na simples busca dos meios de vida. Certas pressões são prontamente enfrentadas e descartadas no decorrer do dia. Outras, mais difíceis de resolver, permanecem em nossa mente para nos irritar e aborrecer.

Freqüentemente afetam o sono, seja provocando insônia pròpriamente dita ou então causando um sono inquieto, leve e cheio de sonhos. Em tais situações está-se tornando comum as pessoas recorrerem à me-

dicação soporífera para aliviar ao menos temporàriamente a situação. Todos êsses medicamentos para dormir são potencialmente viciantes — é fácil adquirir o hábito e o organismo passa a exigir o alívio trazido pelo medicamento. Dessa forma o problema ou preocupação originais são complicados ou suplantados por outro freqüentemente bem mais sério. O homem perde sua independência e se torna escravo do medicamento.

Muitas vêzes ouve-se a seguinte frase: "Sim, mas isto não acontecerá comigo. Eu sou cuidadoso." Tais declarações ignoram o trabalho insidioso dêsses medicamentos e o fato de que a dependência dêles já é coisa consumada quando o indivíduo começa a se preocupar, se é que chega a fazê-lo.

Como acontece com todos os medicamentos, existem indicações específicas para sua prescrição e uso. Sob a supervisão de um médico responsável, é possível obter grandes benefícios com o uso adequado e moderado de remédios. Mas passar além dos limites da moderação e indicação do médico acarreta grandes perigos e maiores problemas para o indivíduo. Êle deixa de ser dono de si próprio e torna-se escravo de um vício destruídor.

Tranqüilizantes: Essas drogas são relativamente novas e até há cêrca de vinte anos eram quase que desconhecidas. Entretanto, desde então, o público americano tem sido bombardeado com um crescente número dêsses preparados e seu emprêgo está-se tornando cada vez maior. Também êsses medicamentos devem ser usados com muito cuidado e moderação. São de grande utilidade quando utilizados apropriadamente e em numerosos casos facultam a preservação do bem-estar e a capacidade funcional de certos indivíduos que sem êles estariam virtualmente incapacitados pelo pêso de seus problemas e preocupações.

Os tranquilizantes não são um substituto para a realidade. O indivíduo necessàriamente tem de continuar a enfrentar a realidade da vida e suas tensões, a formular e pôr em prática as alternativas necessárias na vida cotidiana para aliviar as causas primárias ou fatôres agravantes. Tais drogas devem ser utilizadas com sabedoria e cautela e sòmente sob adequada supervisão médica. O emprêgo prolongado e contínuo dêsses preparados deve ser encarado com prudência e pleno conhecimento de seus perigos inerentes, potenciais.

Estimulantes: Para certos indivíduos tornou-se "moda" depender de recursos artificiais para aumentar sua produtividade. Para isso recorrem ao uso indiscriminado de vários estimulantes, como as anfetaminas. Êsses produtos mascaram ou destroem o mecanismo orgânico de alerta da fadiga e proporcionam sensação artificial de bem-estar. São comumente empregados conjuntamente com os soporíferos para combater a "ressaca" ou depressão resultante da ingestão dêstes últimos. Êles sujeitam o mecanismo fisiológico do organismo humano a despercebidas e dissimuladas pressões e cargas excessivas. Existem indicações médicas especificamente definidas para o emprêgo dessas drogas e elas devem ser obedecidas escrupulosamente. O seu uso mal-orientado e descuidado deve ser severamente censurado e desaconselhado em tôda e qualquer situação.

Medicamentos para emagrecer: Um dos maiores e constantes problemas da nossa cultura é a obesidade. Na maior parte dos casos é causada simplesmente pela alimentação excessiva e indiscriminada. Sòmente em casos excepcionais é devida a desequilíbrio ou anormalidades endócrinas, e êstes não serão debatidos aqui. É de conhecimento geral que a obesidade é um precursor de numerosas enfermidades orgânicas ou anormalidades. Entre elas podemos citar males cardíacos, problemas digestivos e de eliminação, endurecimento das artérias e redução das reservas vitais. A pessoa obesa ainda complica a diminuição da eficiência de seus processos vitais com redução de sua atividade física. Com isso, suas reservas orgânicas declinam mais ainda, prejudicando suas funções e produtividade.

Combater a obesidade exige grande soma de fôrça de vontade e determinação por parte do indivíduo. Envolve o reconhecimento de que realmente existe essa condição potencialmente auto-destruidora e que precisa fazer todo o esfôrço possível para corrigir tal problema. Fôrça de vontade e determinação não se obtêm com pílulas. O uso de medicamentos para emagrecer indica que a pessoa admite seu fracasso e falta de disposição em assumir a responsabilidade e a obrigação para com o bem-estar de seu próprio corpo.

As pílulas para emagrecimento, ocasionalmente, podem ser prescritas pelo médico a fim de auxiliar a combater a fome insaciável. Seu emprêgo temporário, com tal fim, de forma alguma isenta o paciente de sua responsabilidade pessoal quanto à regularização e contrôle de seu organismo e suas funções.

Em resumo, somos feitos à imagem de Deus, assim sendo, nossos corpos são o templo mais sagrado de que dispomos. O corpo humano está sujeito a muitas enfermidades que não dependem do contrôle e influência do indivíduo. Entretanto, há numerosos males que nós próprios provocamos, consciente ou inconscientemente. E é êste grupo que constitue uma profanação do mais maravilhoso dom que possuímos — nosso corpo.

O emprêgo insensato ou mal-avisado de drogas é um ato auto-destruidor por parte da pessoa que as usa, resultando sem dúvida em danos e disfunções do organismo. A utilização inteligente e moderada de tudo o que o Senhor nos proporciona é recomendável quando orientada por médico responsável.

Muitas pessoas, inclusive as mulheres, fariam bem em ler novamente esta revelação:

"Sim, e a erva e as coisas boas que provêm da terra, quer sejam alimento quer para vestuários, para casas, estábulos, pomares, hortas ou vinhas.

"Sim, tôdas as coisas que provêm da terra em sua estação, são feitas para o benefício e uso do homem, tanto para agradar aos olhos, como para alegrar o coração;

"Sim, para alimento e vestuário, para gôsto e para cheiro, para fortalecer o corpo e avivar a alma.

"E agrada a Deus ter dado ao homem tôdas estas coisas; pois para êste fim foram feitas, para serem usadas **com discernimento, sem excesso ou extorsão.**

"E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a Sua ira, a não ser contra os que não confessam a sua mão em tôdas as coisas, e não obedecem aos seus mandamentos." (D&C 59:17-21. Grifo pelo autor.)

PARA A JUVENTUDE DA IGREJA

O Melhor da Vida

Trechos de um discurso feito pelo Élder Marion D. Hanks no Tabernáculo de Salt Lake City, durante uma homenagem prestada à Irmã Emma Ray Riggs McKay.

Ser espôsa, mãe, dona de casa, a alma do lar pelo qual anseia em seus mais felizes e sublimes sonhos, é a suprema realização e a mais nobre satisfação de uma bela mulher. Se no curso das experiências isto não acontece, ou é retardado, estarão dispostas, durante a espera, a continuar corajosamente o seu caminho, tentando viver da melhor forma possível? Ainda assim tornarão a sua vida uma coisa doce, íntegra, significativa, proveitosa? Estarão dispostas a prepararem-se não sòmente para o que esperam que aconteça algum dia mas também para aquilo que acontece todos os dias?

De que maneira pretendem preparar-se para a suprema realização dos seus sonhos? De que modo irão preparar-se para uma vida que pode ser tudo o que uma vida boa deve ser, se não chegar a ser o que desejariam que fôsse? Como se tornarão aquilo que realizará da melhor forma possível os mais felizes sonhos de suas vidas?

O esquema é simples:

Lealdade para consigo mesmo, não importa se a vida nos concede tudo o que esperamos ou menos do que sonhamos. Expanda a sua mente; dê-lhe uma tarefa diária que esteja além da sua capacidade atual.

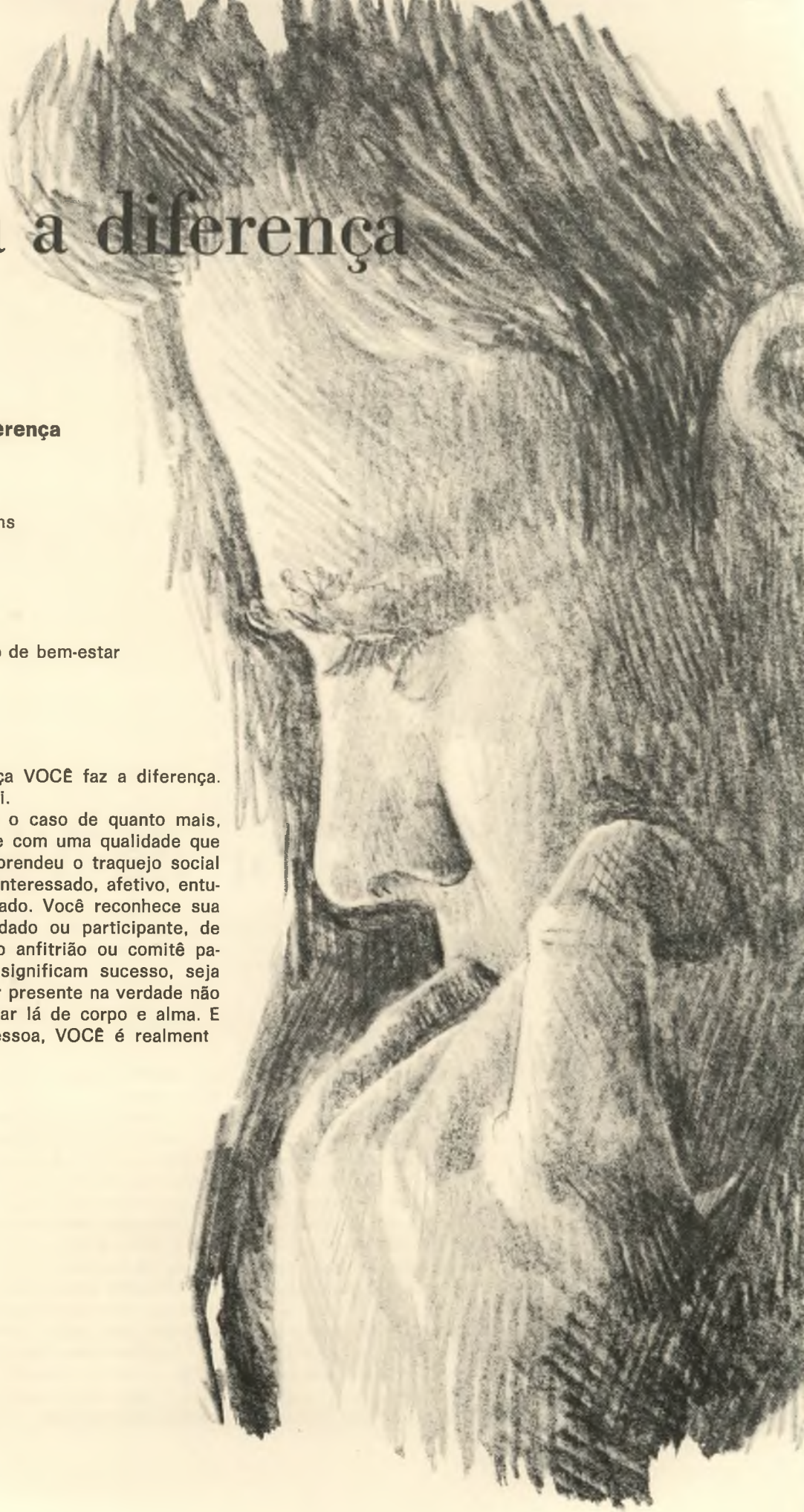
Lealdade para com o próximo — aquêles perto de nós e que nos são caros, e os que estão além do círculo íntimo da família e amigos.

Lealdade para com a vida, porque por nossa vida podemos nos qualificar para o amor e para o respeito daqueles com quem convivemos.

Lealdade para com Deus: corresponde aos mais elevados e nobres desejos e mandamentos de Deus estaremos aumentando consideràvelmente nossa alegria e nossas contribuições.

VOCÊ faz tôda a diferença

Elaine Cannon



VOCÊ . . . faz tôda a diferença

numa peça
num jôgo
numa conferência de jovens
num festival
num passeio
num projeto de serviço
num serão
numa reunião da classe
numa designação do plano de bem-estar

Com sua simples presença VOCÊ faz a diferença. Todo mundo realmente está ali.

Mas não é simplesmente o caso de quanto mais, melhor. É que VOCÊ contribue com uma qualidade que ninguém mais tem. Você já aprendeu o traquejo social e a receptividade pessoal. É interessado, afetivo, entusiasta e tremendamente animado. Você reconhece sua responsabilidade, como convidado ou participante, de corresponder à expectativa do anfitrião ou comitê patrocinador. Essas qualidades significam sucesso, seja qual fôr o programa. Mas estar presente na verdade não é o bastante — é preciso estar lá de corpo e alma. E como você é êsse tipo de pessoa, VOCÊ é realment quem faz a diferença.

UMA LONGA NOITE

Iris Syndergaard

Terminada a sua primeira refeição, Hilda quedou-se ao lado da choupana, observando seu pai que conduzia o carroção pela grande volta do rio. Hilda não podia ver sua mãe, pois estava deitada no fundo do carro, muito doente para sentar-se ao lado do pai.

Quando o carro sumiu de vista Hilda exclamou: "Vá brincar, Mateus. Você também, Maria."

Hilda sentia-se muito só, mas também muito orgulhosa de seus dez anos. O pai lhe dissera que devia tomar conta de seus irmãozinhos e da vaca, Benta, pois levaria a maior parte do dia para levar sua mãe até à cidade onde poderia ser atendida pelo médico.

Passou o dia. Durante a parte da manhã as crianças brincaram no grande rochedo avermelhado acima da cabana. Depois do almôço fizeram casinhas de gravetos na areia úmida da margem do rio de águas ligeiras.

Hilda preparou o jantar de feijão e pão de milho frio. Na hora de dormir as três crianças ajoelharam-se para a oração familiar.

Maria levantou-se. "Temos que dormir no sótão, Hilda?" perguntou. "Ou podemos dormir aqui em baixo?"

"Podem," disse Hilda. "Há lugar bastante para todos nós na cama grande."

Abafou o fogo para que queimasse devagar durante a noite inteira e depois aconchegou-se na cama ao lado de Maria.

Quando acordou sobressaltada Hilda sabia que havia dormido longas horas. Ficou deitada imóvel. Sabia que fôra despertada por algum som estranho. "Deve ter sido Mateus," pensou. "Êle costuma roncar quando está deitado de costas."

Mas o menino estava quieto, deitado de lado. Hilda decidiu que devia ter imaginado o barulho. Puxou o acolchoado quentinho e cerrou os olhos.

Na noite escura ressoou novamente o som. Sua pele arrepiou-se de mêdo porque Hilda sabia o que era — ela já ouvira antes o rugido de caça do puma, mas nunca tão próximo.

"Nossa casa é segura," disse a si mesma. "Nenhum puma conseguiria entrar." Sùbitamente Hilda lembrou-se de Benta. Ainda ontem ouvira seu pai dizer à mãe que o telheiro não era seguro; era aberto demais. Hilda sabia que êle não resistiria ao pêso do puma.

A fera não ousará descer até aqui. Ela ficará lá, no alto da montanha, entre as árvores, pensou consigo.

Durante algum tempo tudo permaneceu em silêncio. Então o leão da montanha urrou outra vez. Mateus agitou-se no sono, Maria ergueu-se.

"Ouvi um barulho, Hilda" exclamou. "Foi lá fora?"

"Não foi nada, Maria," respondeu depressa. Ela estava contente porque Maria acordara. Talvez duas pessoas prestando atenção pudessem calcular melhor a que distância estava a fera.

Quando rugiu novamente, o puma estava bem perto.

Hilda tinha certeza de que devia estar no grande rochedo avermelhado acima da cabana. Ficou pensando por que teria chegado tão próximo da cabana. O pai lhe dissera que os animais selvagens temem o homem.

Era a vaca que o atraíra.

Hilda sabia o que precisava ser feito. Sem se dar ao trabalho de calçar os sapatos, correu para a porta.

"Maria," falou enquanto soltava a tranca, "fique bem aqui e abra a porta completamente quando me ouvir chamar. Tenho que ir buscar Benta."

Lá fora a lua minguante estava bem baixa, lá para os lados do oeste. Na quase escuridão Hilda correu pelo caminho que levava ao telheiro. Podia ouvir Benta pateando, inquieta. Quando Hilda destravou a porta baixa o animal fungou assustado. Ela ràpidamente pegou uma corda e a amarrou ao redor do pescoço do animal.

"Aqui, Benta," murmurou, levando o animal pelo caminho.

Hilda examinou com um olhar as sombras negras sob o rochedo ao lado do telheiro. Temia ver a silhueta do leão da montanha. Também Benta estava muito assustada; procurava com tôdas as suas fôrças libertar-se da corda. Hilda sabia que não podia deixar a vaca escapar e correr pela escuridão. Ela não iria longe antes de ser atacada pelo puma.

"Maria," gritou, dando puxões na corda, "venha me ajudar."

A figurinha esguia da irmãzinha apareceu correndo da cabana. "Empurre a vaca por trás," implorou a menina maior.

Juntas, conseguiram levar a vaca aterrorizada para junto da cabana e fizeram-na entrar. Hilda bateu a porta e a trancou.

"Maria, ponha mais lenha no fogo. Mateus, ajude-me a empurrar a cômoda contra a porta."

Hilda sentou-se ao lado de Mateus e Maria bem no meio da grande cama, depois de amarrar Benta às guardas do leito. As crianças puseram-se a cantar e tentavam relembrar histórias para passar o tempo. Mas às vêzes quedavam-se muito quietas apurando o ouvido.

Hilda sabia que o puma continuava a rodear a cabana. Notava também que, por vêzes, parava para farejar junto à porta. Também os menores o sabiam.

Em certo momento Maria sussurrou: "Será que êle consegue derrubar a porta?"

"Não," retrucou Hilda com firmeza.

"Êle consegue quebrar a janela?" indagou Mateus com voz amedrontada.

Hilda respondeu "Não", mais uma vez, mas não com tanta convicção. As vidraças pareceram-lhe muito frágeis.

"Vamos repetir nossas orações," sugeriu. "O Pai Celestial nos protegerá."

Horas depois, o céu acima do grande rochedo avermelhado começou a clarear com a chegada de um nôvo dia. E não levou muito tempo ouviram um ruído familiar, benvindo — o som das passadas dos cavalos do pai.

Mais tarde, depois que o pai lhes contou que a infecção de que sofria a mãe estava sendo tratada e que logo ela estaria de volta, o pai perguntou a Hilda se ela tinha certeza de que o puma realmente havia chegado até a cabana.

Hilda tomou-o pela mão e o levou para junto da fonte que corria atrás da choupana. Apontou o chão úmido e o pai assentiu com a cabeça, sem nada dizer. Ao lado do fio d'água, claramente delineados, apareciam pegadas enormes deixadas pelo puma.

MARIA SALADA

Ingredientes:

1 ôvo cozido duro (cabeça)
meio tomate (corpo)
2 hastes de salsão (braços)
2 pedaços pequenos de picles (pés)
fôlhas de alface (saia)
cenoura crua ralada (cabelo)
1 azeitona preta (botões)
alguns cravos da índia (olhos e bôca)

Descasque o ôvo cozido. Espete os cravos num dos lados do ôvo à guisa de olhos e bôca. Coloque o ôvo na extremidade superior de um prato de salada. Rale (com a parte mais grossa do ralador) algumas cenouras cruas e arrume ao redor do ôvo como cabelo. Corte a azeitona em fatias e as arrume sôbre a metade do tomate. Coloque o tomate e o resto dos ingredientes sôbre o prato arrumando-os conforme a ilustração. Essa salada é divertida de fazer e gostosa para comer!

A NOVA CASA

Solveig Paulson Russell

Sabuja vivia numa toca na ponta de um tronco apodrecido, com Mamãe e Papai Camundongo e sua irmãzinha Bolinha, pequena e roliça.

Certo dia de outono Papai falou: "Aprontem-se, temos que procurar nova casa. Esta está muito velha, tão estragada que já está desabando."

Logo depois Papai, Mamãe, Rabuja e Bolinha estavam percorrendo a mata, a procura de nova morada. Encontraram alguns buracos no chão.

"Muito sujos," afirmou Mamãe.

Viram uma abertura no alto de um tronco. "Alto demais," disse Mamãe. "Bolinha poderia cair."

Acharam outros lugares ainda, mas nenhum dêles agradava Mamãe.

Rabuja e Bolinha estavam correndo investigando a mata quando sùbitamente Rabuja gritou: "Mamãe! Papai! Achei!"

"Encontrou o que?" indagou Bolinha, correndo para junto do irmão. "Ora, isto é apenas um velho pote de conservas vazio!"

"Isto foi um pote de conservas que alguém largou aqui. Agora é a nossa casa! Não é Mamãe?" perguntou Rabuja.

Mamãe e Papai examinaram o grande pote de vidro deitado entre a vegetação debaixo de uma árvore. Olharam os arredores. Depois Mamãe sorriu. "É a melhor casa que poderíamos encontrar," comentou.

"Também há suficientes sementes de plantas para comer," acrescentou Papai sorridente.

Imediatamente a família Camundongo começou a catar capim sêco e penugem de dente-de-leão para forrar o pote. Logo tinham um ninho confortável para passar a noite.

Depois, empilharam terra em volta da bôca do pote, deixando sòmente um pequeno buraco como entrada, que Papai vedou com um pedaço de casca de árvore.

Assim que terminaram, começou a chover. As gôtas batiam no telhado de vidro e escorriam para o chão. "Como é divertido!" gritou Rabuja. "Podemos ver através das paredes da nossa casa a chuva escorrendo."

Bolinha ria enquanto espremiam os focinhos contra as paredes de vidro.

Após certo tempo a chuva parou. O vento deslizando por entre as árvores varreu as últimas gôtas de chuva que haviam ficado sôbre o pote de vidro.

Pouco depois a família Camundongo estava dormindo profundamente; dormiram a noite inteira. Mas quando Rabuja acordou ainda estava escuro. Ouviu Mamãe e Papai cochichando e Bolinha coçando a orelha. "Tem alguém acordado?" perguntou baixinho.

"Eu," respondeu Bolinha, "mas preferia estar dormindo. Ainda é tão escuro."

"Voltem a dormir," ordenou Mamãe, "logo amanhecerá."

"Aqui nem chegamos a sentir o vento," disse Bolinha bocejando.

"É hora de dormir," comentou Papai. "O sol matutino iluminará nossa casa e nos acordará bem cedinho."

Tentaram adormecer novamente, mas não conseguiram. Esperaram, esperaram, mas nada de amanhecer.

"Mamãe," chamou finalmente Bolinha, "acho que o dia esqueceu de amanhecer."

"Êle virá, sim. Mas há algo estranho nisso tudo," observou Papai.

Pouco depois todos deixaram a cama. Começaram a apalpar em redor na escuridão dentro do pote, tentando descobrir por que o dia não vinha.

"Estou com fome," queixou-se Rabuja, "estou faminto."

"Vou lá fora e ver se consigo encontrar algumas sementes para todos nós," disse Papai. "Esperem apenas eu abrir essa porta de casca de árvore. Poderei sentir o cheiro de comida quando chegar lá fora, mesmo que esteja escuro."

Papai Camundongo forçou a porta e no momento em que conseguiu abri-la, a luz inundou a casa tôda.

"A manhã chegou!" gritou Rabuja. Êle, Bolinha e Mamãe correram para fora atrás de Papai.

Olharam em redor e então cairam todos na risada.

Sua casa de vidro estava completamente coberta com fôlhas.

"Foi o vento que as fêz cair," afirmou Rabuja.

"Elas impediram a entrada da claridade, "disse Mamãe.

"Logo daremos um jeito nisso", observou Papai.

Em poucos minutos a família Camundongo havia retirado tôdas aquelas fôlhas coloridas de cima da casa. Rabuja e Bolinha formaram um grande monte com elas e ficaram brincando de pegador por cima e no meio dêle.

Papai e Mamãe os observavam de dentro do pote. "Esta é a melhor casa que uma família da nossa espécie poderia encontrar." disse Papai.

"Você está absolutamente certo," concordou Mamãe. "Rabuja foi muito esperto em encontrá-la para nós."

A Pioneira

Kenneth W. Godfrey

Arrancada de seu lar quase sem tempo para as despedidas, abandonando muita coisa que lhe era cara, a mulher pioneira fêz o possível para transformar os toscos carroções em um lar para sua família errante. A maior parte de seus utensílios tiveram que ser deixados em Nova Iorque, Ohio, Missouri ou Illinois. Assim, foi obrigada a lançar mão de todos os seus talentos e imaginação para tornar a vida suportável. Deve ter pensado nas mulheres da antiga Israel que seguiram Moisés, e nas que acompanharam Lehi ao desconhecido. Isto lhe dava fôrças e renovava a esperança de que com o auxílio de Deus, ela também encontraria a "terra prometida", um lar que poderia chamar de seu.

"Com quase todos os recursos culinários limitados ao leite de suas vacas, certa reserva de farinha de milho ou trigo e uns poucos condimentos," como o descreveu alguém, "ela aprendeu a preparar refeições apetitosas e saudáveis. Descobriu que se pendurasse as so-

bras de leite e creme num lado da carroça, estas se transformariam em manteiga com o sacolejar do carro. Aprendeu a utilizar a levedura. Quando o acampamento estava armado e o fogo aceso num fogão de ferro ou num forno enterrado na escarpa da colina, os pães bem amassados também estavam prontos para assar. Freqüentemente encontravam um forno já pronto para usar e que fôra deixado pelos que iam à frente.

Mary M. Voght Garn atravessou as planícies com sete crianças. Ela costumava preparar o levêdo e o engrossava com farinha de milho até obter uma massa consistente. Partia a massa em pequenos quadrados e os guardava num canto sombreado do carro, pois sabia que o sol destruiria os tão preciosos fungos de seu levêdo. Quando necessitava de nôvo suprimento, recomeçava todo o processo com o último quadrado de massa. Tôdas as manhãs antes de levantar acampamento, Mary amassava o pão e o colocava no carroção para crescer. Durante a viagem o levêdo cumpria sua missão e ao cair da noite a família contava com pão fresco para a refeição.

Mas nem sempre havia alimento suficiente. Hosea Stout registrou em seu diário em 20 de junho de 1846, apenas dois curtos meses depois da partida de Nauvoo, que "a fome começa a nos torturar," e ainda, "...minha espôsa foi preparar nosso jantar que bem poderíamos chamar de nosso "ultimato". Consistia de uma sopa preparada com pequena porção de feijão para semente e um naco de "bacon". Tínhamos ainda farinha de trigo suficiente para engrossá-la e de fato, naquêle dia... parecíamos dispor de uma refeição mais luxuosa do que era habitual e que poderia dar a impressão de fartura a um estranho."

Naquela noite dois homens jantaram com os Stouts, sem sonhar sequer que se tratava do resto das provisões da família. Mais tarde os Stouts viram-se obrigados a viver de milho cozido.

Quando os carroções atingiram a região dos búfalos, as famílias se apressaram a preparar charque com a carne dos animais recém-abatidos. Cortavam a carne em longas tiras que eram mergulhadas em salmoura fervente e depois penduradas numa corda esticada sôbre as labaredas da fogueira. Na manhã seguinte as tiras de carne eram penduradas debaixo da cobertura dos carroções para secarem com o sol.

À medida que os dias se transformavam em semanas, as relações entre as mulheres das caravanas se tornavam em íntimo companheirismo, provocado pelas adversidades enfrentadas em conjunto. Cuidavam umas das outras durante os surtos de cólera, febre silvestre e por ocasião dos partos. Eliza R. Snow relatou que na primeira noite após a partida de Nauvoo nasceram nove crianças.

No decorrer da viagem nasceram crianças em condições as mais adversas. A Irmã Snow conta: "...algumas em tendas, durante tormentas e nevascas. Ouvi falar de um parto feito sob o precário abrigo de uma choça, formada por cobertores presos a galhos enfiados no chão e telhado de cascas de árvore pelo qual se infiltrava a chuva. Irmãs prestimosas apanhavam a água das goteiras em travessas, protegendo o recém-nascido e a parturiente de um banho de chuveiro."

Em muitos casos as mulheres se organizavam à maneira dos homens a fim de alcançar as metas que haviam estabelecido. Louisa Barnes Pratt registrou em seu diário certas resoluções tomadas numa dessas organizações: "Ficou resolvido que, quando os irmãos pararem as orações, e depois continuarem suas conversas e esqueceram para o que nos convocaram, as irmãs devem retirar-se para algum local conveniente, fazer as orações e depois voltar ao trabalho." E acrescenta: "Se os homens pretendem manter contrôle sôbre as mulheres, que estejam alertas. Acreditamos em direitos iguais."

Freqüentemente, depois que as crianças eram postas a dormir, as mulheres se reuniam em pequenos grupos para gozar a fresca e quietude da noite. Louisa escreveu: "a região do rio Platte era uma beleza." As mulheres eram vistas a passear ao longo das margens dêsse rio, ao luar, ou desfrutando um banho refrescante em suas águas. Nossos corações, ardiam de assombro e admiração pela beleza sublime daquele cenário isolado no vasto sertão."

Embora os dias geralmente fôssem monótonos, em certas ocasiões havia mais excitação do que essas mulheres desejariam, como Rachel Lee descobriu já próximo do fim da jornada. Andava ela ao lado do carroção, aproveitando o frescor da brisa que aliviava um pouco o calor, quando uma lufada inesperada impeliu sua saia para dentro da roda. A historiadora Juanita Brooks relata que antes que Rachel desse acôrdo de si, suas saias estavam sendo enroladas ao redor do eixo. Ela gritava por socorro enquanto tentava desprendê-las, mas num instante elas estavam tão enleadas que pôde apenas agarrar-se a dois raios, com os pés fincados entre os opostos, dando uma volta completa com a roda."

Finalmente conseguiram parar o carroção — Rachel quase que de cabeça para baixo mas ainda firmemente presa à roda. Todos acorreram e reunidos tentavam decidir o modo de livrá-la. Nem sequer se cogitou de cortar a roupa pois isto significaria inutilizar as peças de que tanto necessitava.

Decidiram desabotoar-lhe a saia e a anágua, abrindo-as cuidadosamente para que a môça pudesse ser libertada. Desamarraram-lhe os sapatos. Então, enquanto uma das irmãs a protegia dos olhares curiosos, com um cobertor, ela foi "extraída" da saia, anáguas e sapatos como "se pelassem uma perna de frango." Depois foi fácil soltar as roupas da roda e dentro do carroção Rachel as recompôs e vestiu novamente. Quando retomou sua caminhada, cuidou em manter-se distante das rodas.

Após estarem dispersos durante a caminhada diária, as famílias sentiam redobrada alegria ao reunirem-se à noitinha. Então, já todos aquêles empenhados em tarefas longe da caravana — batedores, barqueiros, construtores de pontes e estradas, vaqueiros, colhedores de feno — haviam terminado a labuta e vinham ao acampamento para descansar. Quando, a fumaça das fogueiras do acampamento desenhara-se contra as nuvens enrubecidos pelo pôr do sol, o soar dos guizos do gado anunciava o retôrno dos trabalhadores exaustos. Numerosas mulheres saíam ao encontro dêles. Mais tarde, com as crianças sentadas em seus joelhos ou a seus pés, ficavam a comentar os acontecimentos do dia.

"Mas cada dia era encerrado como se iniciava — invocando o favor divino, sem o que realmente nenhum mórmon ousava recolher-se para o descanso. Ao primeiro luzir das estrêias, silenciavam as risadas e conversas, o vizinho se despedia, ouviam-se as notas do último hino e depois as orações sussuradas por vozes incontáveis, como o murmúrio dum regato pelas faldas da montanha," escreveu Thomas L. Kane.

Quando chegavam ao destino, as mulheres descobriam que ainda havia obstáculos a vencer — estabelecer um lar no agreste da Grande Bacia. M. Isabella Horne, que chegou ao vale a 6 de outubro de 1847, narrou as dificuldades que ela e as outras mulheres tiveram de enfrentar.

"O sr. Horne conseguiu construir dois pequenos cômodos feitos de troncos, naquela estação, para nossa família, formada por meu marido, eu, quatro crianças e nossos irmãos, o casal Robert Holmes, que havíamos trazido conosco. Quando passamos a morar nessa cabana ainda não havia portas, janelas nem assoalho".

Ela conta como fizeram a mobília, pois haviam trazido sòmente uma cadeira. Em buracos feitos nas toras da parede inseriram travessas horizontais apoiadas na outra ponta sôbre estacas encravadas na terra. O estrado da cama era formado por cordas ou tiras de couro crú trançados. Também os armários eram feitos com travessas menores enfiadas nas toras sôbre as quais prendiam os caixotes de embalagem. Portas e janelas eram vedadas com cortinas de chita para impedir a entrada de pó; construíram cadeiras e usavam caixotes à guisa de mesa até que pudessem encontrar madeira apropriada para sua confecção.

Em março de 1848 forte tormenta que durou dez dias encharcou o telhado de sapé e tudo ficou molhado. O Irmão Horne prendeu a lona de cobertura do carroção nas traves do telhado e a outra ponta nos pés da cama a fim de desviar as goteiras para que pudessem dormir. A mesa foi protegida com um encerado estendido. Para cozinhar e fazer as tarefas caseiras usavam capas e guarda-chuvas. Um bom tempo depois que a chuva havia passado, ainda chovia dentro de casa.

Depois apareceram as cobras e camundongos. Aquelas foram logo espantadas ou mortas, mas os camundongos eram mais persistentes. Escondiam-se nos baús, camas e até nas mangas dos casacos. Inventaram uma armadilha: um pedaço de madeira redonda desbastada no meio de modo a formar uma parte chata em cujas bordas, colocavam gordura; êste pau era colocado sôbre um recipiente cheio de água. Quando o camundongo procurava alcançar a gordura o pau girava e êle caía na água. Só depois que a Irmã Haight supriu suas vizinhas com filhotes de gato foi que a praga diminuiu.

Como o gado estava em más condições, a carne era ruim e tão dura que era preciso cozinhá-la durante o dia inteiro. Não havia legumes, exceto uns poucos lírios "sego" e pastinaga que as crianças colhiam. Isabella conta que as raízes de lírio não eram ruins quando recém-cozidas, mas ao esfriarem tornavam-se duras e pegajosas.

A Irmã Leonora Taylor possuía a única peneira em todo o vale. Ela trouxera um pedaço de tela de peneira que pregara numa moldura feita por um dos homens. Sempre que uma das irmãs queria fazer biscoitos finos ela a emprestava.

As mulheres ajudavam-se mùtuamente de muitas maneiras. Isabella soube que uma vizinha havia misturado zarcão e fuligem com leite desnatado para pintar sua casa. Ela pediu emprestado o resto da "tinta" e com um trapo pintou as portas e caixilhos.

Antecipando-se aos inventores modernos, a mulher pioneira empregava sua engenhosidade para fazer os utensílios de que necessitava. Fios de algodão transformavam-se em redes de pesca; tiras de fazenda e gordura serviam de velas para iluminar o lar; cinzas produziam sabão; com abóbora e morangas engrossavam o melaço de pé de milho.

O primeiro ano foi uma época de muito trabalho e poucos divertimentos. Mas os pioneiros sentiam-se livres e felizes, pois não mais precisavam temer as perseguições. Plantaram jardins e flôres para embelezar o ambiente rústico. As primeiras árvores frutíferas vingavam, e passado o primeiro ano, o trabalho menos premente já deixava tempo para convívio social, bailes e outras atividades.

A jornada desde Nauvoo fôra longa e penosa, mas agora a recompensa valia a pena. Os lares estavam firmemente estabelecidos, a seara fôra colhida e estocada para os meses de inverno. Restava tempo para visitar os amigos e a mulher pioneira mais uma vez acomodou-se na agradável rotina dos trabalhos caseiros, de tornar a vida bela e feliz para os seus. A dura jornada a auxiliara a crescer na fé, no serviço ao próximo, no amor e na fortaleza. Êsses atributos continuariam a assistir essas intrépidas mulheres na construção do reino de Deus na terra.

Na posição vantajosa proporcionada pelo centésimo aniversário da fundação da Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças, aquêles a quem hoje cabe guiar seu destino, devem olhar o passado com a convicção inabalável de que sòmente por inspiração divina poderia ter sido instituída tal organização para as jovens.

Deve haver um profundo sentimento de gratidão por essas grandes líderes femininas que no decorrer dos anos presidiram essa instituição, como também um reconhecimento grato pela orientação inspirada do Sacerdócio de que sempre puderam dispor; deve haver um quase que assoberbante sentimento de alegria e satisfação pelas realizações conseguidas.

No decorrer dêsse século, a AMMM tem tocado a vida de centenas de milhares de jovens, mostrando-lhes os ideais da Igreja, influenciando para o bem seu modo de pensar, moldando seus padrões, ensinando-lhes a dominar sua conduta pessoal. Desenvolveu-lhes o caráter e proporcionou-lhes oportunidades para ampliar e orientar adequadamente seus talentos, além de dar-lhes freqüentes e variadas experiências sociais. Ninguém precisou ficar à margem por falta de atividades que se coadunassem com seus talentos. A AMMM tem sido uma potente influência para conduzir as jovens da Igreja à maturidade mental e emocional, ajudando-as a ganhar forte testemunho do Evangelho, que nelas cria o anseio de responder aos desejos e necessidades da Igreja, conforme os definem suas autoridades.

O Presidente Heber J. Grant fêz essa importante promessa à AMMM:

O Lugar da Mulher na Igreja de Hoje

Belle S. Spafford
Presidente Geral da Sociedade de Socorro

"Se inspirardes as jovens com o amor a Deus, o amor ao lar, o amor ao Evangelho de Jesus Cristo, com o desejo de procurar fazer o que é agradável ao nosso Pai Celestial, crescereis em capacidade, fôrça e poder de Deus." (**Gospel Standards**, p. 151)

E esta promessa foi realmente cumprida.

Não sòmente as jovens da Igreja individualmente têm sido beneficiadas pelo trabalho da AMM-Môças, mas a própria Igreja foi fortalecida de maneira imensurável pelas atividades dessa grande organização.

A Sociedade de Socorro, organização destinada às mulheres mais maduras da Igreja, reconhece seu débito de gratidão para com a AMMM. Quando a jovem mulher é levada pelos processos naturais da vida a transferir seus interêsses e atividades para aspectos mais condizentes com sua condição de mulher adulta, ela naturalmente procura o caminho mais adequado ao preenchimento de suas necessidades. Muitos milhares de jovens senhoras anteriormente treinadas pela AMMM passaram-se naturalmente para o programa da Sociedade de Socorro com propósito e dedicação. Elas trazem consigo caráter estável, talentos desenvolvidos, capacidade de liderança e uma devoção à Igreja que se torna em forte baluarte da Sociedade de Socorro no desempenho das responsabilidades que lhe cabem como organização auxiliar do Sacerdócio.

A mulher SUD desempenha um papel significativo nos negócios da Igreja. Espera-se que dedique tôdas as suas fôrças, de acôrdo com a natureza feminina e obedecendo à orientação da autoridade do Sacerdócio, à edificação do reino de Deus na terra.

A mulher mórmon participa ativamente da obra da Igreja. Serve como missionária de proselitismo; inspira seus filhos e filhas a fazerem o mesmo, e freqüentemente, provê os meios financeiros para isso; trabalha nas organizações auxiliares da Igreja. Dedica incontáveis horas de serviço ao bem do próximo, em nome da Igreja, e apóia lealmente outros tipos de serviço no

programa de bem-estar da Igreja. Devota-se à pesquisa genealógica e à obra vicária pelos mortos nos templos. Êsses serviços aumentam à medida que a Igreja cresce.

O Presidente Heber J. Grant tece generoso elogio às mulheres quando diz: "Sem o maravilhoso trabalho das mulheres reconheço que a Igreja teria sido um fracasso." **(Ibid.,** P. 150)

Desde os primórdios da Igreja as mulheres têm tido voz ativa nos negócios a ela pertinentes. Têm votado lado a lado com homens em tôdas as questões submetidas à congregação da Igreja. A vontade do Senhor nesse assunto foi esclarecida numa revelação dada a Joseph Smith, Oliver Cowdery e John Whitmer em Harmony, Pennsylvania, em julho de 1830, três meses após a organização da Igreja, na qual o Senhor disse: "E tôdas as coisas serão feitas de comum acôrdo na igreja..." (D&C 26:2)

Tal reconhecimento era, em 1830, uma concepção avançada, quando as mulheres não possuíam direito político.

O desejo de aumentar a utilidade da mulher na Igreja levou as irmãs de Nauvoo a procurar o Profeta para pedir-lhe que fôssem organizadas. Elas haviam sido zelosas em seu serviço individualmente, mas achavam que o trabalho individual as limitava grandemente. Deve ter sido muito confortador quando Eliza R. Snow, sua representante junto ao Profeta no assunto organização, transmitiu-lhes as seguintes palavras dêle: "Diga-lhes que sua oferta é aceita pelo Senhor... Eu as organizarei sob o Sacerdócio e conforme o padrão dêle."

Com o crescimento e expansão da Igreja a contribuição das mulheres se viu multiplicada milhares de vêzes em comparação com a das irmãs de Nauvoo. Ao contemplarmos as bênçãos usufruídas pelas mulheres SUD hoje em dia — maiores talvez do que as recebidas por qualquer outro grupo feminino — não será lícito sentir que a contribuição das mulheres de hoje é aceita pelo Senhor?

As doutrinas da Igreja concedem à mulher uma posição de dignidade, respeito e responsabilidade no eterno plano de Deus destinado a seus filhos. O Evangelho ensina que a salvação e a exaltação no reino do Pai são para todos os honestos de coração em todo o mundo, homens ou mulheres, sem distinção, através da obediência individual às leis e ordenanças instituídas pelo Senhor e sôbre as quais essas bênçãos se baseiam.

Embora na Igreja o Sacerdócio seja concedido sòmente aos homens, seus benefícios e bênçãos são partilhados por suas espôsas e por todos os membros da família. Sôbre isso o Élder John A. Widtsoe disse o seguinte:

"Nas ordenanças do Sacerdócio, homem e mulher são iguais. As portas do templo estão abertas para todo membro fiel da Igreja. E note-se que as maiores bênçãos ali disponíveis são conferidas sòmente a um homem e uma mulher... juntos. Nenhum dos dois poderá recebê-las sòzinho. Na Igreja de Cristo a mulher não é uma subordinada mas a parceira do homem, tendo os mesmos direitos." **(Relief Society Magazine,** junho-julho de 1943, P. 373)

O Élder Bruce R. McConkie, dissertando sôbre a doutrina contida em Doutrina e Convênios 131:1-4, faz a seguinte declaração importante:

"... êle (o homem) não pode obter a plenitude da alegria aqui ou a recompensa eterna no além, sòzinho. A mulher está a seu lado como co-herdeira com êle da plenitude de tôdas as coisas. A exaltação e o progresso eterno são o seu quinhão bem como o dêle." **(Mormon Doctrine,** Salt Lake City: Bookcraft, 1966, p. 844)

Entre as magnas doutrinas da Igreja, nenhuma talvez seja mais sublime ou confortadora para as mulheres do que a doutrina da eternidade da unidade familiar. Segundo o falecido Presidente J. Reuben Clark Jr., a família SUD, num lar santo dos últimos dias, tem três grandes funções a cumprir:

"Primeiro — precisa proporcionar a seus membros uma vida tal que os capacite a retornar aos círculos interiores daquele lar celestial do qual vieram — a morada com o Pai e Mãe Celestiais por tôda a eternidade.

"Segundo — deve cumprir seus deveres, direitos e funções de modo a habilitar-se a fundar um lar celestial que, em alguma eternidade por vir, seja igual em poder, oportunidade e dignidade ao lar celestial do qual proveio e para o qual retornará.

"Terceiro — deve viver de maneira tal que proporcione aos espíritos que aguardam sua vez de vir à terra tabernáculos carnais saudáveis, tanto física como mentalmente, pois os espíritos que vêm através dêles serão os espíritos escolhidos, que, por sua vida no primeiro estado, mereceram o direito de, no seu segundo estado, viver num lar justo — uma família do maior valor, promessa e oportunidade; e esta família tem de proporcionar a êsse espírito que convida a seu lar um ambiente que preencha os mais estritos requisitos da justiça." **(Relief Society Magazine,** dezembro de 1940, p. 808)

Ao contemplarmos a família dos santos dos últimos dias ficamos impressionados com sua organização ordeira. O Presidente Grant nos disse:

"As bênçãos e promessas provenientes de um início de vida em conjunto para o tempo e a eternidade, num templo do Senhor não podem ser obtidos de nenhum outro modo, e os jovens SUD, homens e mulheres, que assim iniciam sua vida conjugal descobrem que essa sociedade perpétua sob os convênios eternos torna-se o alicerce da paz, felicidade, virtude, amor e tôdas as demais verdades eternas da vida, aqui e no porvir." **(Improvement Era,** abril de 1936, p. 199)

Por decreto divino o homem é o cabeça ou oficial presidente: é o provedor da família. A mulher é sua companheira e cônjuge; traz ao mundo e cria os filhos. E é nêsse papel que a mulher encontra não sòmente sua missão divina mas também sua plena realização na vida. Essa divisão de trabalho, divinamente ordenada, de formar, manter e proteger a unidade familiar não torna um cônjuge menos importante do que o outro; e quando são respeitados em seus encargos individuais, formam o melhor fundamento para o bem-estar familiar.

O lugar da mulher na Igreja, estabelecido por decreto divino, não se modifica de tempos em tempos — é sempre o mesmo, hoje como ontem, e como será amanhã. Ao entender seu lugar e as funções que lhe foram designadas por Deus, a mulher conhece uma vida a mais plenamente realizada possível e as maiores recompensas eternas. A mulher SUD que possue êsse conhecimento é mais abençoada do que qualquer outra.

O BISPO PRESIDENTE FALA À JUVENTUDE SÔBRE

O Que é um Nome

John H. Vandenberg

Um pai sábio certa vez aconselhou seu filho que estava para iniciar seu serviço militar dizendo: "Meu filho, quando deixar seu lar você descobrirá que está por sua conta; terá de tomar suas próprias decisões. Nunca se esqueça de que você leva o meu nome. Sempre tentei conduzir minha vida de modo a não deslustrá-lo ou desonrá-lo."

As Escrituras registram um conselho semelhante proferido por um outro pai sábio, de outros tempos. Helamã, um dos grandes juízes supremos dos nefitas, deu a seus filhos o nome dos ancestrais Lehi e Nefi. Quando êles estavam prestes a se devotar ao trabalho missionário, lembraram-se" das palavras que Helamã, seu pai, lhes havia dito. E são estas as palavras:

"Eis que, meus filhos, eu desejo que vos lembreis de guardar os mandamentos de Deus e anuncieis ao povo estas palavras. E eis que eu vos dei os nomes de nossos primeiros pais, que saíram da terra de Jerusalém; e assim fiz para que quando vos recordardes de vossos nomes vos lembreis dêles; e quando vos lembrardes dêles penseis em suas obras; pois, lembradas estas, podereis saber porque foi dito e escrito que êles eram bons.

"Por conseguinte, meus filhos, desejo que pratiqueis o bem, a fim de que possa ser dito de vós, e também escrito, o mesmo que foi dito dêles." (Helamã 5:5-7)

Todo rapaz e tôda môça tem um nome que deve honrar. Nosso nome nos representa perante nossos semelhantes; acaba traduzindo o que somos. Cabe-nos a tarefa de fazer com que êle represente sòmente o que é puro, íntegro e bom.

Os nomes sempre tiveram um significado especial. Durante os primeiros tempos do período romano, os jovens nunca recebiam um nome pessoal até envergarem a **toga virilis,** ou vestimenta da maioridade. Tais nomes pessoais tinham um significado especial e eram escolhidos de acôrdo com o caráter do jovem.

Nas Escrituras encontramos casos em que o Senhor mudou o nome de certos homens fiéis a fim de desafiá-los a executar coisas ainda maiores. Tal foi o caso de Abrão, cujo nome foi mudado para Abraão — "pai de numerosas nações" — e de Jacó, que passou a ser chamado de Israel — "príncipe de Deus".

Para honrarem seus nomes não será preciso realizar façanhas que venham a merecer os aplausos do povo; antes, deveis viver de modo que o seu exemplo influencie os outros a fazerem o bem. Geralmente são as coisas aparentemente pequenas e simples que acabam trazendo honra ao nosso nome. A vida de Jesus está repleta de exemplos em que os atos do Mestre eram ignorados pelos intelectuais sofisticados de então. O Presidente David O. McKay disse certa vez: "... em nenhum dos campos nos quais homens e mulheres costumam ganhar seus lauréis encontra-se historiadores referindo-se a Cristo como tendo sido bem sucedido." **(Secrets of a Happy Life,** pg. 99)

A melhor forma de honrarem seus nomes é realizar pequenos atos de bondade, tal como respeitar aquêles que lhes deram seu nome honrado. Algumas pessoas ocasionalmente ignoram essa oportunidade de honrar os pais. Às vêzes certos jovens que são amáveis com amigos e colegas tornam-se macambúzios e mesmo infantís e desrespeitosos para com os pais no lar. Quando uma pessoa é alegre e amável em casa e demonstra respeito pelos pais e demais membros da família, isto prova sua maturidade. Mostrando-se amável e bondosa no lar, a pessoa jovem pode obter honra para seu nome entre aquêles que ocupam um dos lugares mais importantes em sua vida — seus pais e familiares.

Vocês devem resguardar seus nomes de tudo que seja impuro. Nunca manchá-lo com palavreado sujo, rudeza, insolência ou conduta censurável. Seu nome se tornará um rótulo do que são. Assim como os nomes de Judas, Jezebel e Hitler são identificados com o mal, e os de Jesus, Moisés e Lincoln associados à justiça e à grandeza, também o seu nome virá a significar o tipo de pessoa que são. Seu nome não apenas identifica quem são mas denota também o que são. E esta imagem transmitida pelo nome deveria ser encarada como muito importante.

Vocês podem honrar os seus nomes fazendo o que Helamã aconselhou a seus filhos: "...praticar o bem, a fim de que possa ser dito de vós,... o mesmo que foi dito dêles" — isto é, "que êles eram bons."

II
Planeje a Apresentação da Lição

Rex D. Pinegar

Muitos professôres bem sucedidos atribuem grande parte de seu sucesso ao processo sistemático de planejamento. Na primeira parte do presente artigo publicado no mês passado, sugerimos um esquema para orientação da preparação da aula. Verão que o questionário mais adiante segue perfeitamente o esquema mencionado.

O questionário pode ser usado como lembrete enquanto estiverem preparando a lição. Mantendo-o pregado bem à vista no lugar em que costumam preparar sua aula da Escola Dominical, podem relê-lo ràpidamente antes de começar a examinar o material didático, a fim de preparar sua mente para o processo de planejamento. Com os ítens da lista bem presentes na mente o planejamento tornar-se-á mais eficiente, reduzindo o tempo necessário para o preparo de uma aula excelente.

Logo após a apresentação da lição, recorra novamente ao questionário. Isto facilitará avaliar a aula dada enquanto ainda está bem vívida. Essa auto-avaliação é um grande estímulo para melhorar o seu ensino.

QUESTIONÁRIO PARA O PLANEJAMENTO

Antes da Apresentação da Lição

Ao preparar e novamente pouco antes de iniciar a aula, responda as seguintes perguntas:

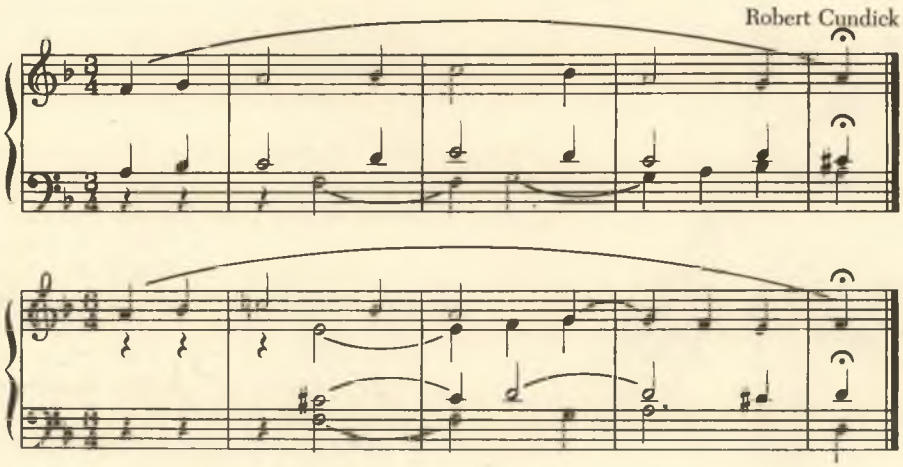
	Sim	Não
1. Anotei a idéia principal (princípio do Evangelho) que os alunos devem aprender desta lição?	___	___
2. Anotei objetivos claros e compreensíveis para esta lição?	___	___
3. Preparei:		
a. a mim próprio espiritualmente para dar esta lição?	___	___
b. os materiais apropriados necessários para apresentá-la?	___	___
4. Levei em conta as necessidades dos alunos:		
a. como grupo?	___	___
b. individualmente?	___	___
5. Tomei providências para MOSTRAR as relações do princípio do Evangelho abordado com as vidas dos alunos?	___	___
6. Providenciei meios para que os alunos possam DEBATER os princípios do Evangelho em questão:		
a. entre si?	___	___
b. comigo?	___	___
7. Tomei medidas para que os alunos APLIQUEM os princípios ensinados?		
a. na classe?	___	___
b. após a aula?	___	___
8. Meu planejamento incluiu uma DESIGNAÇÃO?	___	___
9. Providenciei todo o material necessário para dar uma aula eficiente?	___	___

Após a Apresentação da Lição

A fim de assegurar uma avaliação crítica da aula dada:

	Sim	Não
1. Usei o questionário para avaliar a apresentação da lição?	___	___
2. Avaliei minha aula com o supervisor visitante?	___	___

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais

ESCOLA DOMINICAL SÊNIOR

"Nem só de pão viverá o homem, mas de tôda a palavra de Deus." Lucas 4:4

ESCOLA DOMINICAL JÚNIOR

"Tudo o que é bom vem de Deus." Alma 5:40

Vamos à AMM

A AMM é o lugar onde o ardor da juventude é mesclado com um pouco de maturidade, proporcionando experiências espirituais e recreativas a todos os participantes. Os dados estatísticos apresentados na última conferência geral da Igreja mostram que mais de 300.000 môças e 300.000 rapazes estão agora ativamente engajados como membros dessa organização.

No ano passado a seguinte resolução foi apresentada no recinto de uma importante assembléia governamental em comemoração ao centenário da organização da AMMM. Foi aceita por homens e mulheres que sabem o que a AMM representou em sua própria vida bem como na vida de jovens em todo o mundo. Embora essa resolução se refira às mulheres, seus princípios básicos também se aplicam aos homens.

"Como resolução conjunta da 38.ª legislatura do Estado de Utah elogiando a Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças por sua influência construtiva e valiosa sôbre a juventude atual e durante os últimos cem anos, a Assembléia Legislativa do Estado de Utah, resolve:

CONSIDERANDO que, há cem anos, a 28 de novembro de 1869, Brigham Young, governador do Território de Utah, reuniu suas filhas mais velhas no salão da "Lion House" e organizou-as na Associação de Defesa, posteriormente denominada Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças, admoestando-as a "absterem-se de tudo que é mau e sem valor, e a progredir em tudo que é bom e belo," e,

CONSIDERANDO que essa associação, buscando êsses ideais durante um século, está presentemente or-

ganizada em todos os municípios do Estado de Utah e em todos os estados do país e numerosas nações estrangeiras, e

CONSIDERANDO que muitos lares em Utah têm sido, são e serão fortalecidos pela participação das jovens dêste Estado em salutares e proveitosas atividades em grande escala, demonstradas pelos dados estatísticos compilados dos registros do ano passado:

6.000 reuniões dançantes patrocinadas pela AMM

22.000 môças aprenderam a se expressarem melhor através de festivais de oratória, debates e leituras patrocinados pela AMM.

14.000 môças foram preparadas para a vida e para apreciar os valôres criadores da natureza através de participação em acampamentos realizados pela AMMM, em Utah.

24.000 môças participaram de peças e "shows" ambulantes da AMM.

Muitos milhares de jovens aumentaram seu vigor físico e melhoraram seu ajustamento social, praticando esportes patrocinados pela AMM, como "softball", basquete, vôlei e outros.

CONSIDERANDO que essa organização comemora agora seu centenário,

RESOLVEM que a 39.º Legislatura do Estado de Utah, reunida em sessão conjunta, expresse sua admiração aos oficiais e professôres, atuais e passados, da Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças, elogiando os ideais da organização para a edificação da feminilidade, de melhores lares e um Estado melhor, expressa sua confiança na capacidade, nobreza e elevados ideais da maior parte da nossa juventude, e deseja a todos — jovens, professôres e líderes — um comemoração compensadora de seu centenário, durante o ano de 1969."

Essas declarações transcritas aqui não são meras palavras copiadas de uma página impressa, mas fatos de experiências concretas que não podem ser contestadas.

Poderíamos buscar exemplos nos registros da AMMR Rapazes e da AMMM de qualquer parte do mundo, mas citaremos apenas dois. Na Ala III da estaca Ensign de Salt Lak City, Utah, foi encenada uma peça teatral de três atos, "O Milagre de Anne Sullivan", dirigida e apresentada por um elenco e uma equipe de produção formados de jovens de 19 anos e menos. Foi uma excelente experiência em arte dramática do princípio ao fim.

"O Milagre de Anne Sullivan" não é uma peça desconhecida. Já foi encenada nos palcos e telas de muitos países. Aborda uma fase importante da vida de Helen Keller que atingiu grandes alturas embora tivesse que sobrepujar dois sérios impecilhos — cegueira e surdez. Através da perseverança e o amor de sua fiél companheira, Anne Sullivan, aconteceu o milagre quando Helen pronunciou sua primeira palavra — água.

Ao descer a cortina no final dessa dramática produção houve um momento de silêncio mortal, seguido de aplausos ensurdecedores com a audiência tôda de pé para a ovação.

Eram todos jovens da AMM. O diretor, um rapaz de apenas 19 anos, recebeu seu chamado para a missão duas semanas depois da apresentação teatral. Anne Sullivan foi representada por uma jovem de 17 anos. Os cenários estavam excelentes. O bispo da referida ala, ao dirigir-se à congregação na reunião de testemunho seguinte, disse: "Êste elenco da AMM fêz mais para unir os membros da ala do que tudo que fizemos até agora."

Nos meses de primavera e início de verão foram realizados numerosos festivais de dança nas alas, estacas, ramos e distritos da Igreja. Alguns foram apresentados em conjunto com o tradicional Baile Auri-Verde. Certo membro da junta geral, após visita oficial a um dêsses bailes, observou: "Êsse maravilho pessoal jovem simplesmente se mata de trabalhar para que o seu festival seja o maior."

Preparam números para serem apresentados no salão, as decorações variam da beleza estilizada à elegância de pouco custo. Num dêsses bailes executaram uma decoração baseada em motivos japoneses — havia pequenas pontes sôbre córregos simulados; o teto estava ornamentado com motivos orientais. As môças encarregadas de servir os refrescos trajavam vestidos longos com gola "mandarim".

Os arquivos do comitê de dança estão transbordantes de descrições de festivais de dança realizados na Escandinávia, nações eslavas, Inglaterra, Irlanda, Escócia, Havaí, Samoa, em países da Ásia e da América do Sul. Os orçamentos da AMM em todos os países são limitados mas a criatividade quanto a materiais e execução tem resultado em verdadeiras obras de arte executadas pelos jovens.

A Igreja e as autoridades governamentais do mundo sentem-se admirados pelo que está sendo realizado e pelos bons resultados alcançados pelos jovens quando se interessam e "FREQÜENTAM a AMM".

Durante a reunião, a presidência da Missão da Estaca São Paulo Leste e três missionárias apresentaram o Hino dos Missionários especialmente composto por Sílvio G. Vazzoler. Da esquerda para a direita: Aleksejus Darcanovas, Osíris Grobel Cabral, Paulo Roberto Puerta, Rosária Pansutti Darcanovas, Maria Eloisa Burin e Elaine Maria Bastos Fusco.

Vinte e Quatro Novos Missionários

F. Máximo

Num ambiente que relembrou os lugares de culto dos cristãos do primeiro século, realizou-se em julho passado a primeira Conferência Missionária da Missão da Estaca São Paulo Leste.

Foram, nessa ocasião, designados 24 dos 30 novos missionários de estaca chamados, estando ainda outros previstos. Os irmãos e irmãs chamados procedem de várias ocupações e profissões, e dedicarão um mínimo de quarenta horas mensais à pregação do Evangelho por um período de dois anos. Além dêstes, três rapazes e uma môça estão servindo em tempo integral, alguns fora do país; e outros mais devem breve ser enviados para a seara do Senhor; contando a Estaca ainda com quatro missionários construtores em serviço.

Embora a manutenção de missionários em operação exija da Estaca um esfôrço, notadamente financeiro, a ESPL, em sua atual condição, tem possibilidade de manter pelo menos dez missionários de tempo integral e quarenta outros de estaca. O resultado dessa concentração de esfôrço faz-se notar não apenas no amadurecimento da Igreja entre nós, mas também no amadurecimento dos indivíduos participantes, cujo regime de vida no campo missionário é bastante exigente quanto a horários, estudos e aplicação de si mesmo à obra, contribuindo assim para uma sólida formação espiritual e de personalidade. Além disso, ao exigir pessoas bastante responsáveis para o trabalho, êsse mesmo senso de responsabilidade é bastante desenvolvido durante a missão, quando aos jovens é confiado nada mais nada menos que o trabalho de salvar um povo.

Ao despedir os novos missionários, o Presidente da ESPL ressaltou-lhes algumas características da insidiosa oposição que haveriam de encontrar. De um lado, o Diabo, que, tendo abandonado a prática da violência contra a Igreja como ineficaz e contraproducente, adotou por último a tática do diálogo, das pequenas concessões, de ambas as partes, e da abertura, procurando assim infiltrar-se no seio da Igreja e miná-la, da mesma maneira como a ferrugem imperceptìvelmente corroi o ferro tornando-o em pó. De outro lado, o mundo, com seus apêlos sofisticados à "dolce vita" (que afinal é amarga), e seus falsos argumentos de que a religião está ultrapassada e fora de moda, tentando assim seduzir os santos e afastá-los do seu ministério com falsas promessas. Finalmente, alertou-os contra os inimigos que podem surgir no próprio indivíduo: A soberba, que conduz os servos a injustamente julgarem seus conservos, decidindo de antemão quem está ou não apto a receber as boas novas do reino, ou a buscar (em lugar de fazer) apenas líderes em potencial; e o desânimo, que os tentará a desacreditar da "loucura da pregação".

Dêsse modo, "sairam os semeadores a semear," e sem dúvida o produto será a "trinta, a cinqüenta e a cem por um."

O alegre encontro entre presidentes no aeroporto: O Pres. Hicken e espôsa dão boas vindas ao casal Hibbert.

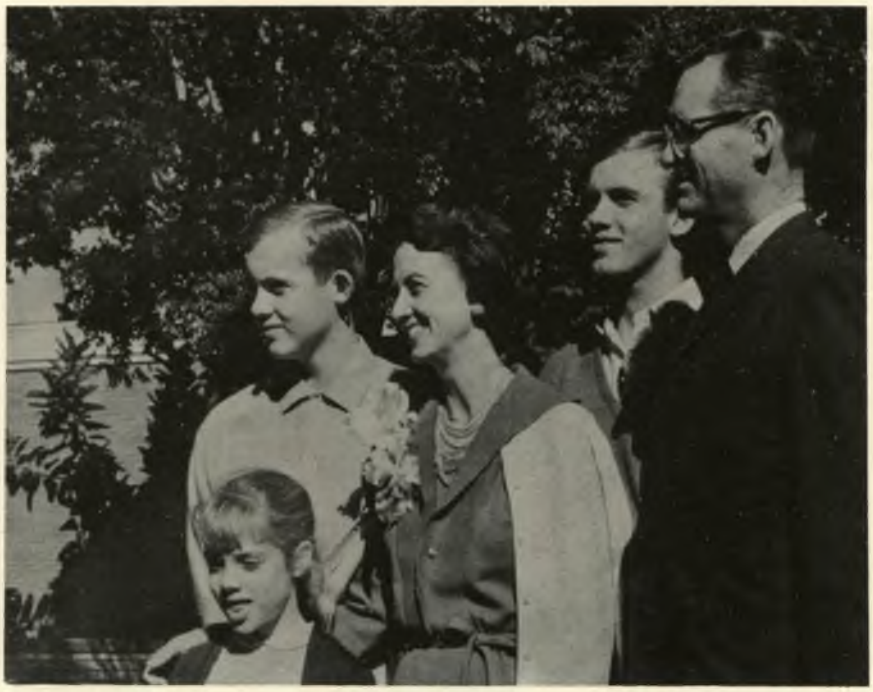
Adeus, Presidente Hicken Bem-Vindo, Pres. Hibbert

F. Máximo

Bountiful (em inglês significa abundância e lembra uma região homônima mencionada no Livro de Mórmon), uma pequena cidade do Oeste norte-americano, é uma espécie de celeiro de presidentes de missão para a Igreja. De lá procediam os presidentes A. T. Sorensen e W. M. Beck, que serviram no Brasil, e para lá retornou com sua família o Dr. Lloyd R. Hicken, que estêve à frente da Missão Brasileira de 1966 a 1969, onde reassumirá suas atividades como cirurgião médico.

Entre 1939 e 1942, quando o Pres. Hicken estêve no Brasil como missionário, havia então apenas 300 membros aqui. Diante dos 9.000 membros da Missão Brasileira (no Brasil todo êsse número sobe acima de 30.000) dos quais se despediu, o Pres. Hicken sentiu-se maravilhado com êsse moderno milagre que é a Igreja entre nós: A Igreja multiplicou-se 100 vêzes em 30 anos!

Em conversa informal extra-oficial, abordado sôbre os temas modernos de controvérsia, o Pres. Hicken expressou-se sôbre a vã filosofia humana que advoga o controle artificial de natalidade alegando escassez de alimentos. Segundo o mandamento divino, disse êle, o homem está aqui para frutificar e multiplicar-se, tornando possível o propósito de Deus de dar aos seus filhos uma experiência mortal, para a qual proveu a abundância da natureza que os sistemas do mundo têm negado ao homem. O Presidente recordou-se de quando era jovem. Então, a maioria dos seus concidadãos concentrava-se no campo. Hoje, liberada da lavoura pelos avanços da técnica, deslocou-se para as áreas urbanas. Não obstante, a produção agrícola tem sido tão



Uma família que parte: A família Hicken levará consigo o afeto de milhares de brasileiros e deixará um filho entre nós, missionário no sul do país (ausente na foto).

abundante que o govêrno tem imposto limites a ela, contrariando o argumento maltusiano em favor do contrôle da natalidade.

Com respeito à celeuma dos transplantes, ressaltou que o progresso obtido nesse campo talvez venha a se provar tão inestimável como a instauração das técnicas de transfusão de sangue, que têm poupado milhões de vidas, prolongando essa magna experiência que é a provação mortal.

Referiu-se bem humorado ao programa de conquista espacial, mencionando que desde a Criação o homem pertence à terra e ao sistema solar, sendo-lhe dificultoso sair dêsses lugares.

Inquerido ainda sôbre o futuro da Igreja no Brasil, observou que além do crescimento normal que a Igreja deverá experimentar, certos programas mais avançados, como por exemplo a eventualidade de um templo em nossa terra, estaria vinculada ao desenvolvimento

Uma família que chega: A família Hibbert reencontrará entre os santos brasileiros o mesmo calor que deixou em sua terra natal, e que o Pres. Hibbert já conheceu quando foi missionário entre nós há mais de dez anos.

A liderança de várias unidades brasileiras da Igreja estêve presente para despedir-se dos Hickens na recepção que êste ofereceu aos Hibberts na sede da Estaca São Paulo.

maciço do trabalho genealógico, além de exigir uma vasta infraestrutura de liderança em 10 ou 12 estacas, capaz de não sòmente prover oficiais para o templo, mas também trabalhadores qualificados para os ofícios vicários que constituem o grosso do trabalho nos templos. Embora isso implique numa espera talvez longa, é animador ver um esfôrço contínuo para o desenvolvimento de liderança nacional, como por exemplo o rápido caminhar de certas unidades brasileiras para a formação de pelo menos quatro novas estacas.

O Pres. Hicken deixou na Missão Brasileira e nas demais unidades da Igreja às quais se estendeu a sua influência, indeléveis marcas de seu trabalho inspirado e silenciosamente dinâmico. Durante sua administração, importantes marcos foram acrescentados à história da Igreja no Brasil: A criação da Estaca São Paulo Leste e da Missão Brasileira do Norte, e a reestruturação territorial das Missões Brasileira e Brasileira do Sul. Êstes permanecerão para memória de um verdadeiro israelita que muito amou a Deus.

O Pres. Enos de Castro Deus, cons. da Presidência anterior da MB, cumprimenta os Hibberts, trazendo-lhes boas vindas de Curitiba, um dos baluartes da MB.

Sherman Holden Hibbert
um breve perfil

O tempo nublado e frio não conteve a multidão de santos que acorreu ao aeroporto para recepcionar efusivamente o nôvo Presidente da Missão Brasileira, Sherman Holden Hibbert, sua espôsa Jo Ann Long e três filhos. Logo ao desembarcar do avião que os trouxe a São Paulo, o nôvo presidente foi cumprimentado pelo Pres. Hicken e espôsa, a qual saudou a irmã Hibbert com um ramalhete de gladíolos.

O Pres. Hibbert nasceu a 25 de junho de 1933, em Boise, Idaho, EUA. Serviu em missão no Brasil sob a administração do Pres. A. T. Sorensen entre 1953 e 1956, trabalhando em Marília, Bauru, Jaú, Rio de Janeiro e São Paulo. Após o seu retôrno foi incorporado ao Exército, onde serviu como segundo tenente encarregado de uma escola militar de mecanografia.

Ao deixar o Exército, cursou as universidades de Idaho e Brigham Young, graduando-se em direito e subsequentemente vindo a exercer profissão de advogado até o seu recente chamado pela Primeira Presidência.

Durante êsse período entre seus dois chamados para servir a Igreja em tempo integral, serviu como missionário de estaca por seis anos. Juntamente com sua espôsa, desenvolveu o programa de treinamento de professôres para o curso de doutrina do Evangelho da Escola Dominical para 1969-70.

Após seu desembarque, o nôvo presidente recolheu-se em conferência com o Pres. Hicken, inteirando-se de todos os assuntos pertinentes à sua nova função. Alguns dias após, o Pres. Hicken e espôsa ofereceram ao recém-chegado uma alegre recepção oficial, oportunidade em ambos os presidentes puderam confraternizar-se com a liderança das duas estacas paulistas e da Missão Brasileira inclusive os vindos de Curitiba. A recepção caracterizou-se não só pelo seu elevado nível social, como também será rememorada pelos dotes espirituais que legou a todos os presentes.

Pres. da MBN visita São Paulo

O Pres. Hal R. Johnson, da Missão Brasileira do Norte, acompanhado por sua espôsa, quando eram recebidos pelo Pres. Hélio da Rocha Camargo, diretor do Centro Editorial Brasileiro, por ocasião da visita que fizeram a êste estabelecimento da Igreja.

A Questão é Começar

Richard L. Evans do Conselho dos Doze

A vida," disse Benjamin Disraeli," é um tropeçar contínuo em alto e baixos," — "com sua pressa angustiante, seus alvos contraditórios", acrescentou Mattew Arnold. Há ocasiões em que todos nós nos sentimos sobrecarregados, com débitos, com obrigações, tantas coisas por fazer, tantas coisas não feitas — por resolver — preocupações, problemas e, às vêzes nosso quinhão, aparentemente, de tristezas. E ficamos a imaginar como estar em tôda a parte onde deveríamos estar, fazer tudo o que deveríamos fazer, cumprir as obrigações e carregar, o fardo de nossas preocupações, quando parece que nos dirigimos a tantas direções, demasiados caminhos de uma só vez — sem sentir que completamos, desfazemos ou ao menos controlamos qualquer coisa apenas um nôvo embaralhar dos pápeis, um nôvo baralhar dos problemas. Para tudo isso, um conselho amável de fonte desconhecida propõe o recurso do "uma-coisa-de-cada-vez"; "A montanha vista de longe," prossegue, "parece ser invencível, mas não o é, ela pode ser escalada e a maneira de começar é dar o primeiro passo para cima. Daí por diante ela parecerá menos alta. Os declíves que aparentam ser tão íngremes à distância, tornam-se mais suaves quando nos aproximamos." Na vida qualquer tarefa se torna fácil quando a enfrentamos com essa atitude de "uma-coisa-de-cada-vez". Um passo — o princípio: fazer alguma coisa acêrca de algo, começar para ver no que dá — nos dá a confiança de que estamos a caminho e que a solução do problema é possível. Diz um ditado popular: "Se perseguirdes dois coelhos, ambos escaparão." Ninguém é capaz de resolver tudo ao mesmo tempo. Temos de selecionar o que é importante, o que é possível, e começar do ponto em que estamos, com o que temos. E se começarmos — e prosseguirmos sem desanimar — o fardo, a preocupação, as dúvidas, a depressão começarão a se dissipar, tornar-se-ão mais leves. Não podemos fazer tudo sempre, mas podemos fazer algo agora, e isso ajudará a aliviar a carga e minorar as preocupações. "O comêço" disse Platão "é a parte mais importante."